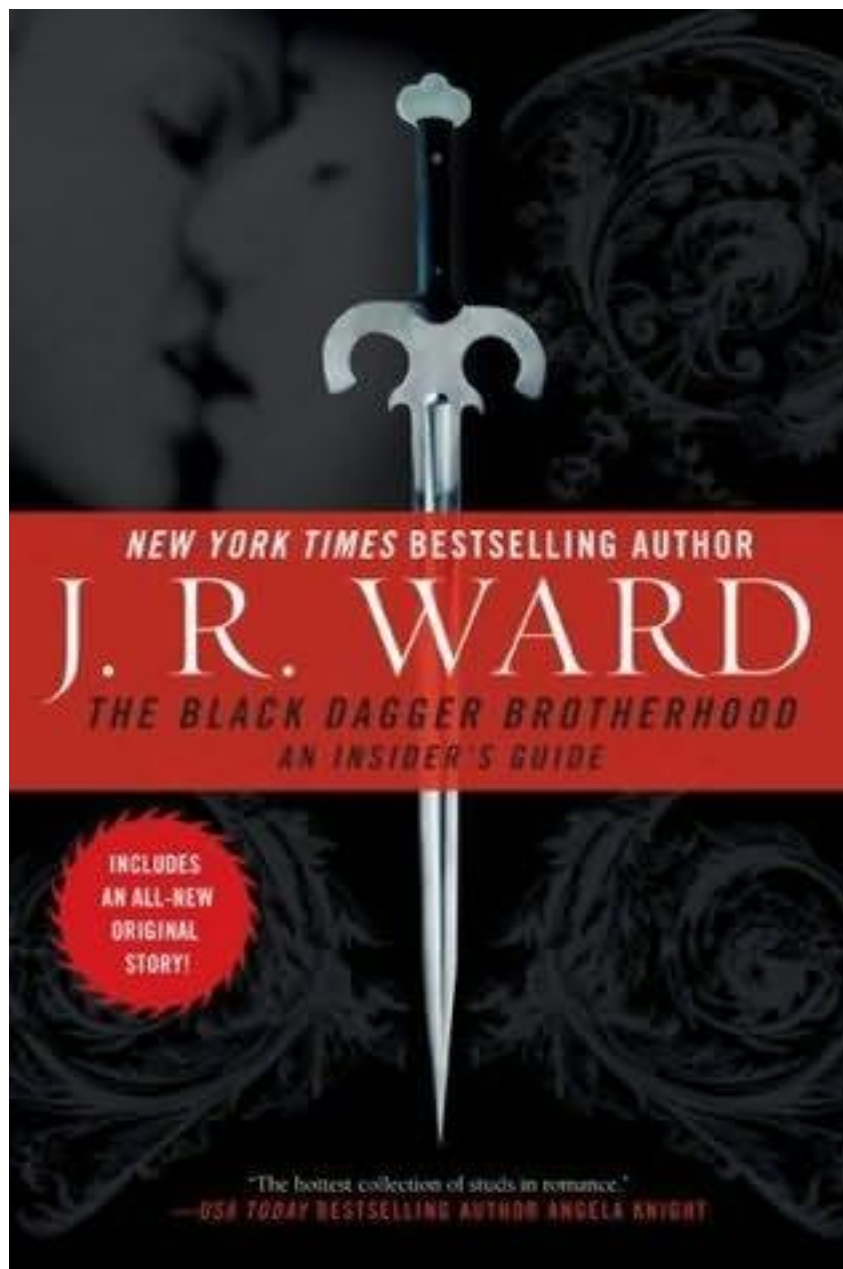


The Black Dagger Brotherhood an Insider's Guide
"Irmandade da Adaga Negra: Um Guia para Entendidos"
J. R. Ward



Disponibilização: Gisa

Tradução: Gisa e Yuna

Revisão: Yuna

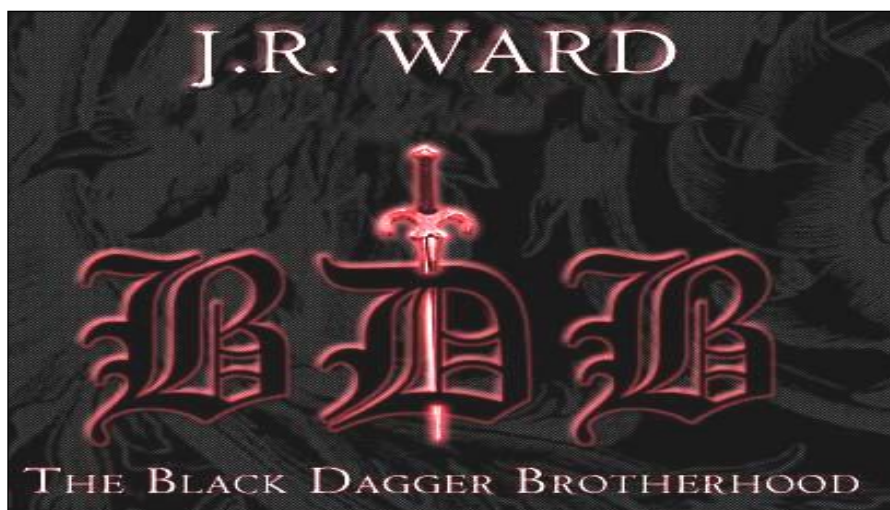
Formatação: Gisa

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Mais conhecido como o Compêndio.

Esta é a primeira parte do livro onde aparece a história que trata de Zsadist, Bela e sua filhinha Nalla.





Um

—Bela parece bem.

Junto à bancada da cozinha da Irmandade, Zsadist pegou uma faca, apertou a ponta de uma alface romana e começou a atravessá-la com o fio da faca em intervalos de um centímetro.

—Sim, parece .

Agradava-o a doutora Jane. Demônios, estava em dívida com ela. Mas teve que recordar suas maneiras: seria de muito mau gosto morder a cabeça da fêmea que não só era a shellan de seu irmão, mas também salvara o amor de sua vida de uma hemorragia na mesa de parto.

—Nos últimos dois meses se recuperou esplendidamente. —A doutora Jane o observava do outro lado da mesa que havia entre eles, mantendo sua maleta ao estilo de Marcus Welby, DOUTOR EM MEDICINA, perto de sua mão fantasmagórica—. E como Nalla cresceu. Cara, o progresso das crianças vampiras é muito mais rápido que dos bebês humanos. No aspecto cognitivo é como se tivesse nove meses de idade.

—Estão muito bem. —Continuou cortando, movendo a mão para baixo e ao longo, uma e outra vez. No extremo mais afastado da faca, as folhas saltavam formando tiras verdes e frisadas que pareciam aplaudir por serem liberadas

—E como vai você com todo o assunto da paternidade...

—Merda!

Deixando cair a faca, amaldiçoou e levantou a mão que estivera sustentando a alface. O corte era profundo, até o osso, e seu sangue se via vermelho enquanto brotava e começava a jorrar por sua pele.

A doutora Jane se aproximou.

—OK, vamos para o lavatório.

Tinha que lhe dar crédito já que, não tocou seu braço nem tentou guiá-lo apoiando a mão em seu ombro; simplesmente apontou e sinalizou o caminho para Kohlerland .

Ele ainda não gostava que ninguém, exceto Bela, pusesse as mãos sobre seu corpo, embora tivesse melhorado um pouco. Agora, se o contato era inesperado, sua primeira inclinação não era a de tomar uma de suas armas ocultas para acabar com aquele que pusera-lhe as mãos.

Quando estavam em frente ao lavatório, a doutora Jane acionou a torneira, abrindo-a de forma que uma corrente quente aterrisou na profunda curva de porcelana.

—Coloque —disse.

Ele estendeu o braço e pôs o polegar debaixo da água quente. O corte ardia como a merda, mas nem sequer piscou.

—Me deixe adivinhar. Bela acabou de lhe pedir para vir falar comigo.

—Não. —Quando a perfurou com o olhar, a boa Doutora sacudiu a cabeça—. Eu examinei ela e o bebê. Isso foi tudo.

—Bom, melhor. Porque estou bem.

—Tinha o pressentimento de que diria isso. —A doutora Jane cruzou os braços sobre o peito e o observou com um olhar tão fixo que o fez desejar construir um muro de tijolos entre eles dois. Algo em estado sólido ou translúcido como ela estava nesse momento, não importava. Quando uma fêmea como essa olha você fixamente, é como se lhe dessem um jato de areia. Não era de se estranhar que ela e V se dessem bem.

—O que, de fato, mencionou foi que não queria se alimentar dela.

Z deu de ombros.

—Nalla precisa o que seu corpo pode prover mais do que eu.

—Entretanto não é uma situação na qual alguém possa excluir o outro. Bela é jovem e saudável e tem excelentes hábitos alimentares. E você a deixa se alimentar de você.

—É obvio. Faria tudo por ela. Por ela e seu bebê.

Houve um longo silêncio. E logo:

—Talvez você queira falar com Mary?

—A respeito de que? —Fechou a torneira e sacudiu a palma da mão sobre o lavatório—. Pensa que necessito de um psiquiatra só porque respeito as necessidades da minha shellan? Que demônios?

Arrancou uma toalha de papel do cilindro engastado debaixo dos armários e secou a mão.

—Para quem é a salada, Z? —perguntou a Doutora.

—O que?

—A salada. Para quem é?

Puxou o cesto de papéis e atirou a toalhinha dentro.

—Bela. É para Bela. Olhe, desculpe, mas...

—E quando foi a última vez que você comeu?

Levantou as mãos, como se estivesse dizendo «Pare! Pelo amor de Deus».

—Chega. Sei que tem boas intenções, mas tenho pouca paciência, e a última coisa que precisamos é que Vishous venha atrás de mim porque a tratei com brutalidade. Entendo o que quer dizer...

—Olhe sua mão.

Baixou o olhar. O sangue saía da palma de sua mão e corria pelo pulso e o antebraço. Se não estivesse usando uma camiseta de manga curta, a merda teria se acumulado à altura do cotovelo. Em vez disso, estava gotejando sobre os ladrilhos cor terracota.

O tom de voz da doutora Jane foi irritantemente equilibrado, sua lógica injuriosamente sólida.

—Tem um trabalho perigoso e confia que seu corpo faça o necessário para evitar que o matem. Não quer falar com Mary? Tudo bem. Mas deve fazer algumas concessões físicas. Esse corte já deveria ter se fechado. Não fechou, e estou disposta a apostar que continuará sangrando por mais uma hora ou mais. —Sacudiu a cabeça—. Eu ofereço um trato. Wrath me nomeou a médica particular da Irmandade. Se foder com relação à comida, a alimentação e o descanso de forma que prejudique seu desempenho, colocarei seu traseiro no banco.

Z olhou fixamente as brilhantes gotas vermelhas que gotejavam da ferida. O rio que formavam atravessava a faixa negra de um centímetro de largura que tinha tatuado no pulso quase duzentos anos antes. Tinha uma igual no outro braço e outra ao redor do pescoço.

Esticando-se para adiante arrancou outra toalha de papel. Limpou o sangue o melhor que pôde, mas não havia forma de livrar-se da marca que a puta depravada de sua Ama tinha lhe deixado. A tinta estava impregnada em sua pele, cravada ali para evidenciar que era uma propriedade para ser usada, e não um indivíduo com vida.

Sem razão aparente pensou na pele de bebê de Nalla, tão incrivelmente suave e completamente intacta. Todo mundo reparava no quão suave era. Bela. Todos os seus irmãos. Todas as shellans da casa. Era uma das primeiras coisas que comentavam quando a carregavam. Isso e que se parecia com um travesseiro de plumas, porque dava muita vontade de abraçá-la.

—Alguma vez tentou se livrar disso? —disse a doutora Jane brandamente.

—Não podem ser tiradas —disse bruscamente, baixando a mão—. A tinta tem sal em sua composição. É permanente.

—Mas alguma vez tentou? Agora há lasers que...

—Será melhor que me ocupe deste corte para terminar aqui. —Tomou outra toalha de papel—. Preciso um pouco de gaze e faixa...

—Tenho isso aqui em minha maleta. —virou-se encaminhando-se para a mesa—. Tenho tudo...

—Não, obrigado, eu me ocupo.

A doutora Jane levantou os olhos para olhá-lo fixamente, com um olhar sereno.

—Não me importa que seja independente. Mas o que não suporto é a estupidez. Estamos entendidos? Esse banco de reservas tem seu nome escrito.

Se fosse um de seus irmãos, teria despido as presas e teria vaiado. Mas não podia fazer isso à doutora Jane, e não só devido ao fato de ser uma fêmea. O fato era que não tinha argumentos para discutir. O que lhe oferecia era uma opinião médica completamente objetiva.

—Estamos entendidos? —provocou-o, em nada impressionada pelo seu feroz aspecto.

—Sim. Eu escutei.

—Bom.

—Tem esses pesadelos... Deus, os pesadelos.

Bela se inclinou e colocou a fralda suja no cesto de papéis. Enquanto se endireitava pegou outro Huggies da parte de baixo do trocador e também tirou o talco e as toalhinhas de bebê.

Agarrando Nalla pelos tornozelos, levantou-a, e fez uma rápida e enérgica limpeza com a toalhinha, polvilhou um pouco de talco e deslizou a fralda limpa em seu lugar.

Do outro lado do berçário, Phury disse em voz baixa:

—Pesadelos a respeito de ser um escravo de sangue?

—Deve ser. —Baixou as nádegas limpas de Nalla e fechou o Huggies com as fitas das extremidades—. Porque não quer falar comigo sobre isso.

— Ele está comendo? Se alimentando?

Bela sacudiu a cabeça enquanto abotoava o macacão de Nalla. Era cor rosa pastel e tinha apliques de caveiras brancas com os ossos cruzados.

—Não muita comida e nada de alimentação. É como se... não sei, no dia que ela nasceu, parecia tão maravilhado, cativado e feliz. Mas logo foi como se ativasse um interruptor e simplesmente se fechasse. É quase tão mau como no princípio. —Olhou fixamente para Nalla, que estava passando as mãos por cima do desenho do objeto que tinha sobre o pequeno peito—. Lamento ter lhe pedido que viesse... é que já não sei mais o que fazer.

—Alegra-me que tenha pedido. Sempre podem contar comigo, ambos, você sabe disso.

Embalando Nalla contra seu ombro, virou-se. Phury estava recostado contra a cremosa parede do quarto da menina, seu enorme corpo interrompendo o desenho de coelhinhos, esquilos e cervos pintados à mão.

—Não quero colocá-lo em uma situação incômoda. Nem separá-lo de Cormia desnecessariamente.

—Não fez isso. —Sacudiu a cabeça, seu cabelo multicolorido brilhou—. Se permaneci em silêncio é porque estou tentando pensar qual seria a melhor maneira de enfrentá-lo. Falar com ele nem sempre é a melhor solução.

—Certo. Mas estão acabando tanto as minhas idéias como a minha paciência. —Bela foi para a cadeira de balanço e se sentou acomodando a menina em seus braços.

Nalla olhava para cima e os olhinhos amarelos brilhavam em seu rosto angelical, em seu olhar havia reconhecimento. Sabia exatamente quem estava com ela... e quem não. Tinha adquirido essa consciência na última semana. E tudo mudara.

—Não quer abraçá-la, Phury. Nem sequer a carrega.

—Fala sério?

As lágrimas de Bela fizeram com que o rosto de sua filha parecesse oscilante.

—Maldição, quando vai terminar esta depressão pós-parto? Choro por qualquer coisa.

—Espere um segundo, nem sequer uma vez? Não a tirou do berço ou...

—Não quer tocá-la. Merda, quer me passar um maldito lenço? —Quando a caixa de Kleenex esteve a seu alcance, arrancou um e o pressionou contra seus olhos—. Sou um desastre. A única coisa que posso pensar é em Nalla vivendo toda sua vida se perguntando por que seu pai não a quer. —Amaldiçoou em voz baixa quando brotaram mais lágrimas—. OK, isto é ridículo.

—Não é ridículo. Realmente não é.

Phury se ajoelhou, mantendo os lenços em frente a ele. Absurdamente, Bela notou que a caixa tinha a imagem de uma estrada com árvores frondosas e um encantador caminho de terra que se perdia na distância. De cada lado, viam-se arbustos floridos com pinheiros cor magenta que faziam com que os bordos parecessem estar usando saias de balé feitas de tule.

Imaginou-se caminhando pela estrada de terra... para um lugar muito melhor do que onde estava nesse momento.

Pegou outro lenço.

—O fato é, que eu cresci sem um pai, mas ao menos tive Rehvenge. Não posso imaginar o que seria ter um pai que estivesse vivo mas morto para você. —Com um som de arrulho, Nalla bocejou amplamente e soprou, esfregando o rosto com a parte traseira da mão—. Olhe-a. É tão inocente. E corresponde ao amor tão bem... quero dizer... OH, pelo amor de Deus, vou comprar ações da Kleenex.

Com um som de desgosto puxou outro lenço com brutalidade. Para evitar olhar Phury, ela se retraiu, e deixou que seus olhos vagassem pelo alegre quarto, que antes do nascimento tinha sido um *closet*. Agora tudo era da pequena, tudo falava de família, com a cadeira de balanço de pinheiro que Fritz tinha feito a mão, e a mesinha fazendo jogo, e o berço que ainda estava decorado com fitas multicoloridas.

Quando seu olhar pousou na biblioteca abaixo com todos seus livros grandes e finos, sentiu-se ainda pior. Ela e outros Irmãos eram os que liam para Nalla, os que acomodavam a pequena em seu regaço, abriam as brilhantes capas e falavam em rima.

Nunca era seu pai, embora fizesse quase um ano que Z aprendera a ler.

—Não se refere a ela como sua filha. É minha filha. Para ele, ela é minha, não nossa.

Phury emitiu um som de desgosto.

—PSI¹, estou tentando resistir ao impulso de ir socá-lo neste exato momento.

—Não é culpa dele, quero dizer, depois de tudo pelo que passou... suponho que deveria ter esperado por isto. —aclarou a garganta—. Quero dizer, todo o assunto da gravidez que não foi planejada, e me pergunto... se talvez esteja ressentido comigo e lamenta ter tido ela.

—Você é o milagre dele. Você sabe que é.

Pegou mais lenços e sacudiu a cabeça.

—Mas já não se trata mais somente de mim. E não a criarei aqui se ele não pode aceitar ambas... o deixarei.

—Wow, acredito que isso é um pouco prematuro...

—Ela está começando a reconhecer as pessoas, Phury. Está começando a entender que estão a deixando de lado. E ele teve três meses para adaptar-se à idéia. Com o tempo, piorou em vez de melhorar.

Quando Phury amaldiçoou, ela levantou o olhar para os brilhantes olhos amarelos do gêmeo de seu hellren. Deus, essa cor cítrica era a mesma que brilhava no rosto de sua filha, assim não haveria forma de olhar sua filha sem pensar em seu pai. E entretanto...

—É sério —disse—, como serão as coisas daqui a um ano? Não há nada mais triste que dormir junto de alguém que você sente falta como se tivesse ido embora. Ou tê-lo como pai.

Nalla levantou uma de suas gordas mãozinhas e se aferrou a um dos lenços.

—Não sabia que estava aqui.

Os olhos de Bela se dispararam para a porta. Zsadist estava ali de pé, com uma bandeja nas mãos na qual levava uma salada e uma jarra de limonada. Havia uma atadura branca em sua mão esquerda e muito de um «não pergunte» em seu rosto.

Presente ali, sobre o limite do quarto da menina, via-se exatamente como quando se apaixonou e emparelhou com ele: um macho gigantesco com a cabeça raspada, uma cicatriz que

¹ PSI – Para sua informação

percorria seu rosto, faixas de escravo nos pulsos e no pescoço e aros nos mamilos que se destacavam através da sua justa camiseta negra.

Pensou na primeira vez que o viu, golpeando um saco de areia no ginásio do centro de treinamento. Parecia que se movia com brutal rapidez sobre seus pés, seus punhos voavam mais velozmente do que seus olhos podiam perceber, o saco de areia era forçado para trás devido aos seus socos. E logo, sem sequer uma pausa, extraiu uma adaga negra de seu peitilho e apunhalou a coisa que estivera golpeando, rasgando com a lâmina o couro do saco, o conteúdo caíra livremente ao chão como se fossem os órgãos internos de um lesser.

Tinha aprendido que o feroz guerreiro não era tudo o que havia nele. Nessas mãos também havia uma grande bondade. E esse rosto arruinado com seu lábio superior desfigurado lhe sorria e a cuidara com amor.

— Vim ver Wrath — disse Phury, ficando de pé.

Os olhos de Z se desviaram para a caixa de Kleenex que seu gêmeo sustentava, logo foram para o monte de lenços que Bela tinha na mão.

— Ah claro.

Quando entrou e depositou a bandeja na cômoda que continha a roupa de Nalla, não olhou para sua filha. Ela, entretanto, sabia que ele estava no quarto. A menina voltou o rosto em sua direção, lhe suplicando com o olhar desfocado e seus bracinhos gordinhos estendidos para ele.

Z deu um passo para trás e saiu para o corredor.

— Que tenha uma boa reunião. Eu vou para uma caçada.

— Acompanharei você até a porta — disse Phury.

— Não tenho tempo. Nos veremos logo. — Os olhos de Z encontraram os de Bela durante um instante — Eu te amo.

Bela abraçou Nalla apertando-a contra seu coração.

— Eu também te amo. Cuide-se.

Ele assentiu uma vez e logo se foi.

DOIS

Quando Zsadist despertou em estado de pânico, tentou acalmar sua respiração para tentar ter alguma idéia de onde se encontrava, mas seus olhos não foram de muita ajuda. Tudo estava escuro... estava envolto em uma densa, e fria escuridão que não podia atravessar, sem importar o quanto forçasse sua vista. Poderia estar em um dormitório, ao ar livre no campo... ou na cela.

Tinha despertado dessa forma muitas e muitas vezes. Durante os cem anos passados como escravo de sangue, tinha despertado em um estado de cegueira produzida pelo pânico perguntando-se o que iriam fazer com ele e quem o faria. Depois de se ver livre? Os pesadelos causavam-lhe a mesma coisa.

Em ambos os casos era uma tremenda estupidez. Quando era propriedade de sua Ama, preocupar-se a respeito de quem, o que e quando, não lhe servira de nada. O abuso era inevitável

e não importava a forma que enfrentava a situação, corajosamente ou covardemente, sobre a cama embutida: Era usado até que ela e seus garanhões estivessem saciados; logo o deixavam para que jazesse sozinho ali em sua prisão, degradado e exposto.

E agora com os pesadelos? Despertar com o mesmo terror que sentira como escravo só validava os horrores passados que seu subconsciente insistia em fazer aflorar.

Ao menos... pensava que estava sonhando.

O verdadeiro pânico o golpeou quando se perguntou que tipo de escuridão o rodeava. Era a escuridão da cela? Ou a escuridão do dormitório que compartilhava com Bela? Não sabia. Ambas se viam iguais quando não tinha indícios visuais para decifrar e só contava com o som de seu retumbante coração nos ouvidos.

A solução? Tentaria mover os braços e as pernas. Se estivessem livres de correntes, se não estivessem presos, simplesmente seria o caso de se ver cativo da prisão sufocante de sua mente, do passado tentando atravessar a terra do cemitério de suas lembranças para aferrá-lo com suas mãos esqueléticas. Enquanto pudesse mover os braços e as pernas em cima de lençóis limpos, estaria bem.

Correto. Mover os braços e as pernas.

Seus braços. Suas pernas. Necessidade de movê-los.

Movê-los.

OH, Deus... malditos sejam, movam-se.

Suas extremidades não se moviam, e na paralisia de seu corpo a dilaceradora verdade o destroçou. Estava na desalentadora escuridão da cela da Ama, acorrentado, sobre suas costas, com grossas algemas de ferro mantendo-o sobre a cama embutida. Ela e seu amante voltariam por ele, e fariam o que quisessem com ele, manchando sua pele, corrompendo-o por dentro.

Gemeu, o patético som vibrou em seu peito e escapou através da brecha de sua boca como se sentisse aliviado de se livrar dele. Bela era o sonho. Ele vivia no pesadelo.

Bela era o sonho...

Sentiu passos aproximando-se da escada oculta que baixava do dormitório da Ama, o som ressonava e se fazia mais forte. E havia mais de um par de pisadas nos degraus de pedra.

Com horror de um animal, seus músculos se esticaram e se distenderam contra seu esqueleto, lutando desesperadamente para liberar-se do invólucro sujo da carne que estava a ponto de ser sovada, invadida e usada. Seu rosto se cobriu de suor, e seu estômago se rebelou, a bÍlis se dirigiu de um assalto subindo pelo esôfago até a base de sua língua...

Alguém estava gritando.

Não... chorando.

O pranto de um bebê ressonou no extremo mais afastado da cela.

Sua luta se deteve enquanto se perguntava o que fazia um bebê nesse lugar. A Ama não tinha filhos, tampouco ficara grávida durante o ano que tinha sido sua proprietária...

Não... espere... ele trouxera o bebê até ali. Era seu bebê que chorava... e a Ama encontraria seu bebê. Encontraria a bebê e...

OH, Deus.

Era sua culpa. Ele trouxera a bebê a este lugar.

Liberte a bebê. Liberte a bebê...

Z fechou os punhos e cravou os cotovelos contra a cama embutida, puxando com cada força felina que tinha. A força não só vinha de seu corpo; nascia de sua vontade. Com um imponente impulso, ele...

...não chegou a lugar algum. As algemas cortaram seus pulsos e tornozelos até chegar ao osso, fatiando sua pele de forma que o sangue se mesclou com o suor frio.

Quando a porta se abriu, a bebê estava chorando e ele não poderia salvá-la. A Ama iria...

A luz o banhou, lançando-o à verdadeira consciência.

Saiu de sua cama de casal como se tivesse sido golpeado por um Chevy, aterrissando em uma postura de luta com os punhos levantados à altura do peito, os ombros enquadrados como nós de aço e as coxas preparadas para saltar.

Bela se afastou lentamente do abajur que acabara de acender, como se não quisesse assustá-lo.

Ele olhou ao redor do dormitório. Como de costume, não havia ninguém com quem brigar, mas tinha despertado todo mundo. No recanto, Nalla chorava em seu berço, e tinha dado um susto mortal em sua sempre amada shellan. Outra vez.

Não havia nenhuma Ama. Nenhum de seus consortes. Não havia cela nem correntes esticando-o sobre uma cama embutida.

Nenhum bebê compartilhando a cela com ele.

Bela se deslizou para fora da cama e foi para o berço, para pegar Nalla que tinha o rosto vermelho e gritava. Não obstante, sua filha, não quis aceitar nada do consolo que lhe oferecia. A menina levantou seus bracinhos gordinhos dirigindo-os diretamente para Zsadist, chorando por seu pai, derramando lágrimas a torrentes.

Bela aguardou um momento, tendo a esperança de que desta vez fosse diferente, que ele se aproximasse e tomasse à menina em seus braços lhe oferecendo o consolo que claramente ela queria que lhe oferecesse.

Z retrocedeu até que suas costas golpearam contra a parede mais afastada, e rodeou o peito com os braços.

Bela se virou e sussurrando algo à sua garotinha, se dirigiu ao berçário adjacente. Ao fechar a porta amorteceu os choramingos de sua filha.

Z se deslizou para baixo até que seu traseiro golpeou o chão.

—Merda.

Esfregou a cabeça raspada, passando a mão de trás para a frente, logo apoiou os braços nos joelhos e deixou que ambas as mãos ficassem penduradas livremente. Depois de um momento, percebeu que se sentou como estava acostumado a fazer quando estava na cela, com as costas contra o canto que ficava frente à porta, os joelhos levantados e o corpo nu tremendo.

Observou as faixas de escravo que tinha ao redor dos pulsos. O negro era tão denso sobre sua pele, tão sólido, que se pareciam com as algemas de ferro que uma vez o mantiveram cativo.

Depois de, só Deus sabe quanto tempo, a porta do quarto do bebê se abriu e Bela saiu com a bebê. Nalla estava novamente adormecida, mas quando Bela a deitou no berço, fez com cuidado, como se fosse uma bomba a ponto de explodir a qualquer momento.

—Sinto muito. —disse brandamente, esfregando os pulsos.

Bela vestiu um roupão e se dirigiu para a porta que dava para o corredor. Com a mão sobre a maçaneta, virou-se para olhá-lo, com uma expressão distante no olhar.

—Já não posso continuar dizendo que tudo está bem.

—Realmente lamento pelos sonhos...

—Me refiro a Nalla. Não posso dizer que está bem o fato de evitá-la... que o entendo, que tudo melhorará e que serei paciente. A verdade é que é sua filha tanto quanto minha, e me mata ver que se afasta dela. Sei pelo que teve de passar, e não quero parecer insensível, mas... para mim agora tudo é diferente. Devo pensar no que é melhor para ela, e ter um pai que nem sequer quer tocá-la? Não é...

Z flexionou-se, abriu ambas as mãos e olhou fixamente as palmas, tentando imaginar-se carregando a menina.

As faixas de escravo lhe pareceram enormes. Enormes... e contagiosas.

Pensou que as palavras adequadas não eram “não querer”. Eram “não poder”.

O fato era que se, em efeito, consolasse Nalla, brincasse com ela e lesse para ela, significaria que o teria como pai, e o legado que podia lhe oferecer não era o que alguém gostaria que um bebê carregasse. A filha nascida de Bela merecia algo melhor do que isso.

—Preciso que diga o que quer fazer — disse Bela—. Se não pode ser seu pai, eu o deixarei. Sei que isso soa cruel, mas... devo pensar no que é melhor para ela. Amo você e sempre o amarei, mas já não se trata só de mim.

Por um instante, pensou que não tinha ouvido bem. Deixá-lo?

Bela saiu para a sala das estátuas.

—Vou procurar algo para comer. Não se preocupe com ela... voltarei em seguida.

Fechou a porta silenciosamente atrás dela.

Quando duas horas depois caiu a noite, a forma que essa porta se fechou tão silenciosamente ainda continuava retumbando na cabeça de Z.

De pé diante de seu armário cheio de camisas negras, calças de couro e shitkickers, explorou seus sentimentos mais íntimos, perseguindo-os entre o labirinto de suas emoções.

Era óbvio que desejava superar o enredo mental que tinha com sua filha. Era óbvio que sim.

Mas simplesmente era insuperável. O que tinham feito a ele ficara no passado, mas tudo o que tinha que fazer era olhar seus pulsos para ver que ainda estava sujo por tudo aquilo... e não queria esse tipo de merda perto de Nalla. Tivera o mesmo problema com Bela no princípio de sua relação, e logo conseguira superá-lo com sua shellan, mas com a bebê as implicações eram mais graves: Z era a personificação material do tipo de crueldade que existia no mundo. Não desejava que sua filha soubesse que existiam tais profundidades de depravação e, muito menos expô-la aos seus efeitos secundários.

Merda.

Que demônios faria quando fosse o suficientemente crescida para olhá-lo cara à cara e lhe perguntar por que tinha essas cicatrizes e o que as ocasionou? O que faria quando quisesse saber por que tinha faixas negras na pele? O que responderia seu tio Phury quando lhe perguntasse por que lhe faltava uma perna?

Lentamente Z vestiu uma camisa e calças de couro, logo tirou um arnês de peito para as adagas e abriu o armário das armas. Tirou um par de SIG Sauer calibre quarenta e as checkou rapidamente. Estava acostumado a utilizar nove milímetros... merda, estava acostumado a lutar com as próprias mãos. Não obstante, desde que Bela tinha aparecido em sua vida, tornou-se mais cuidadoso.

E evidentemente esse era o outro aspecto de sua avaliação mental. Seu trabalho era matar. Esse era seu ofício. Nalla cresceria preocupando-se por ele todas as noites. Como ela poderia evitar? Bela o fazia.

Fechou a porta do armário das armas e passou o ferrolho, logo colocou os canhões das armas nos coldres dos quadris, checkou suas adagas, e vestiu a jaqueta de couro.

Olhou o berço onde Nalla continuava dormindo.

Pistolas. Adagas. Estrela de arremesso. Cristo, a menina deveria estar rodeada de chocalhos e ursinhos de pelúcia.

Em conclusão, não foi feito para ser pai. Nunca foi. De todas formas a biologia o elevou a esse rol, e agora todos estavam aprisionados ao seu passado: embora não pudesse imaginar a vida sem Bela, não havia forma de compreender como poderia ser o pai que Nalla merecia.

Franzindo o cenho, imaginou a festa de apresentação à sociedade de Nalla, algo que todas as fêmeas da glymera celebravam um ano depois de passada a transição. A filha sempre dançava a primeira música com seu pai, e viu Nalla luzindo um flutuante vestido vermelho, com os cabelos multicoloridos recolhidos, rubis em seu pescoço e... a si mesmo com seu rosto desfigurado e suas faixas de escravo aparecendo por debaixo das mangas do smoking.

Genial. Essa era uma imagem condenadamente genial.

Amaldiçoando, Z se dirigiu para o banheiro, onde Bela estava se preparando para a noite. Ia lhe dizer que sairia para seguir uma pista que teve na noite anterior e que nem bem tivesse terminado, voltaria e conversariam. Entretanto quando olhou da fresta se deteve em seco.

Em meio ao vapor que se elevava da ducha, Bela estava secando o corpo. Seu cabelo estava envolto em uma toalha, seu longo pescoço exposto e seus suaves ombros movendo-se de um lado a outro enquanto passava energicamente a toalha ao longo de suas costas. Seus seios se balançavam, atraindo seu olhar e excitando-o.

Era um fodido, mas enquanto a observava, a única coisa que podia pensar era em sexo. Deus, era linda. Gostara quando estava arredondada pela gravidez, e também gostava como estava agora. Depois do nascimento de Nalla tinha emagrecido rapidamente, seu estômago estava tão plano como fora antes, seus quadris tornaram a adquirir sua fina silhueta. Não obstante, seus seios estavam maiores, os mamilos tinham adquirido uma cor rosada mais escura e seu contorno era mais pronunciado.

Seu membro investiu contra suas calças de couro como um criminoso querendo sair da prisão.

Enquanto se acomodava, deu-se conta de que Bela e ele não tinham estado juntos desde muito antes do nascimento. Fora uma gravidez difícil, e logo Bela necessitara de tempo para convalescer e estivera legitimamente ocupada cuidando de sua pequena.

Sentia sua falta. Desejava-a. Continuava pensando que era a fêmea mais espetacularmente erótica que caminhava sobre a face do planeta.

Bela deixou cair o roupão sobre a bancada, ficou de frente ao espelho, e se olhou fixamente. Com uma careta, inclinou-se para frente e passou o dedo pelas maçãs do rosto, o queixo e por debaixo do queixo. Endireitando-se franziu o cenho, virou-se para observar-se de perfil e afundou o estômago.

Ele aclarou a garganta para chamar sua atenção.

—Já estou pronto para sair.

Quando sentiu sua voz, Bela lutou para recuperar seu roupão. Vestindo-o rapidamente, amarrou o cinto e puxou as lapelas fechando-as sobre a garganta.

— Não sabia que estava aí.

— Bom... — Sua ereção se desinflou —. Eu estou.

— Está saindo? — disse enquanto soltava os cabelos.

— Sim, estou. Entretanto estarei de volta, como sempre... — disse pensando que ela nem sequer tinha ouvido suas palavras.

— Estaremos bem. — inclinou-se para adiante e começou a esfregar os cabelos para secá-los, o ruído que produzia a toalha ao adejar lhe pareceu muito alto.

Embora estivesse somente a alguns três metros de distância, não poderia alcançá-la. Não podia lhe perguntar por que se escondia dele. Tinha muito medo de qual seria sua resposta.

— Tenha uma boa noite — disse com brutalidade. Aguardou um momento, rezando para que o olhasse, lhe sorrisse um pouco, que lhe desse um beijo de despedida já que estava partindo para a guerra.

— Você também. — Levantou a cabeça, sacudindo o cabelo e se esticou para alcançar o secador —. Cuide-se.

— Cuidarei.

Bela ligou o secador de cabelos e pegou a escova para parecer ocupada enquanto Z se virava e saía. Quando esteve segura de que ele se fora, deixou de fingir, desligou o secador e o deixou sobre a bancada de mármore.

Doía-lhe tanto o coração, que revolia seu estômago, e enquanto olhava fixamente seu reflexo, desejou lançar algo contra o vidro.

Não tinham estado juntos, juntos de verdade, desde... Deus, tinha se passado quatro ou cinco meses, antes de que começasse a ter perdas.

Ele já não pensava nela sexualmente. Não desde que Nalla havia nascido. Era como se para ele, o nascimento tivesse apagado essa parte de sua relação. Agora quando a tocava, era como se o fizesse em um irmão... gentilmente, com amabilidade.

Nunca de forma apaixonada.

No princípio, tinha pensado que talvez fosse porque não estava tão magra como estava acostumado a vê-la, mas nas últimas quatro semanas seu corpo voltara a ser o mesmo.

Ao menos isso pensava. Possivelmente estaria enganando a si mesma?

Afrouxando o roupão, abriu-o pelo meio, ficou de lado, e examinou seu ventre. Na época em que seu pai estava vivo, quando estava crescendo, a importância de que as fêmeas da glymera fossem magras fora gravada nela, e ainda depois de sua morte ocorrida há tantos anos atrás, essas severas advertências a respeito de ficar gorda ainda a perseguiram.

Bela se envolveu no roupão novamente, e amarrou o cinto com firmeza.

Certamente, desejava que Nalla tivesse seu pai, e essa era sua principal preocupação. Mas sentia falta de seu hellren. A gravidez tinha ocorrido tão rápido que não tiveram oportunidade de desfrutar de um período de apaixonados, durante o qual, simplesmente poderiam se deleitar com a companhia um do outro.

Quando voltou a se levantar e a ligar o secador, tentou não contar a quantidade de dias que se passaram desde que ele se aproximou dela da forma que faria um macho. Passara-se muito tempo desde a última vez que a procurara através dos lençóis com suas grandes e cálidas mãos,

despertando-a com os lábios na parte traseira de seu pescoço e uma dura ereção pressionando-se contra seu quadril.

Também era verdade que ela tampouco tentara procurá-lo. Mas não estava segura do tipo de recepção que teria. A última coisa que necessitava nesse momento era que a rechaçasse porque já não a achava atraente. Já lhe bastava a ruína emocional que lhe despertava o fato de ser mãe, muitíssimo obrigado. Um fracasso afrontando seu ego feminino era mais do que poderia suportar.

Quando seu cabelo secou, passou rapidamente a escova e logo foi ver como Nalla estava. De pé junto ao berço, olhando a sua filha, não podia acreditar que as coisas tivessem chegado a um ultimato. Sempre soube que depois de tudo o que Z tivera de suportar continuaria tendo problemas em alguns aspectos, mas nunca lhe ocorrera pensar que não poderiam superar seu passado.

Parecera-lhe que o amor que se professavam seria suficiente para superar tudo.
Talvez não fosse assim.

Três

A casa era afastada do caminho de terra e lotada de matagais e árvores emaranhadas cheias de folhas marrons. O desenho do lugar era uma mescla de vários estilos arquitetônicos, com um único elemento unificador dado pelo fato de que todos foram mal reproduzidos: tinha o teto ao estilo Cape Cod mas se desenvolvia em um só andar como um rancho; tinha pilares no alpendre dianteiro como uma casa colonial, mas os painéis eram de plástico como os de um trailer; estava disposta no terreno como se fosse um castelo e entretanto tinha a nobreza de um contêiner de lixo arrebitado.

OH, e estava pintada de verde. Do mesmo verde que Jolly Green Giant .

Provavelmente o lugar fora construído há vinte anos atrás por um tipo da cidade com muito mal gosto que procurava começar uma vida nova como cavalheiro rural. Agora todo o lugar estava a ponto de desabar, com exceção de uma coisa: a porta era feita de aço inoxidável resplandecente e resistente e além disso reforçado como aqueles que se poderia encontrar em um hospital psiquiátrico ou numa penitenciária.

E as janelas estavam cercadas com filas de tábuas de dois por seis metros.

Z se agachou atrás da carcaça enferrujada que tinha sido um Trans Am de 92, e aguardou as nuvens se juntarem e cobrirem a lua para poder avançar. Rhage estava escondido atrás de um carvalho, do outro lado da grama coberta de ervas daninhas e a entrada para automóveis de cascalho.

A qual era a única árvore o suficientemente grande para esconder o desgraçado.

A Irmandade tinha localizado esse lugar na noite anterior por um golpe de sorte. Z estivera no centro patrulhando o parque de coníferas que havia debaixo das pontes de Caldwell quando surpreendeu uma dupla de valentões atirando um corpo no Rio Hudson. Livraram-se do mesmo de forma rápida e profissional: chegaram em um sedan sem marcas distintivas, dois tipos com capuzes negros desceram e foram para o porta-mala de onde agarraram o corpo pelos pés e pela cabeça, penduraram-no de onde o jogaram na corrente.

Splash-splash, foi tomar um banho.

Z se encontrava a aproximadamente nove metros rio abaixo, por isso quando o tipo morto passou flutuando junto a ele, pôde ver pela careta de sua boca que era um macho humano. Normalmente não teria feito absolutamente nada por causa disto. Se algum homem tinha sido “o Padrinho”, não era problema seu.

Mas o vento mudou de direção e lhe trouxe um vislumbre de algo como talco de bebê.

Haviam apenas duas coisas que Z sabia que cheiravam dessa forma e caminhavam erguidas: as velhas senhoras e os inimigos de sua raça. Considerando que era muito improvável que Betty White e B Arthur estivessem debaixo desses capuzes canalizando seu Tony Soprano interior, isso significava que à sua frente tinha dois lessers. E esse cenário se encaixava muito bem na lista de coisas pendentes de Z.

Com uma perfeita cronometragem, a dupla de assassinos começou a discutir. Enquanto eles ficavam queixo-a-queixo e faziam-se ameaças de se darem murros, Z se desmaterializou para o pilar mais próximo ao sedan. Na placa do Impala sucateado se lia 818 NPA, e não parecia ter mais ocupantes fora da variedade cadáver ou nervoso.

Em um instante, voltou a desmaterializar-se, desta vez para o teto do depósito que flanqueava a ponte. À esta altura, aguardou com o telefone no ouvido e uma linha direta com Qhuinn, protegendo-se contra o golpe de vento que subia pela parte traseira do edifício.

Geralmente os lessers não matavam humanos. Por um lado era uma perda de tempo, porque não ganhava pontos com Omega, e por outro, se fossem apanhados lhes ocasionariam muitos aborrecimentos. Dizem que, se algum tipo visse algo que não deveria, os assassinos não duvidariam em fazer um trabalho em larga escala e apoderarem-se da recompensa.

Quando finalmente o Impala saiu debaixo da ponte, dobrou à direita e começou a se afastar do centro. Z falou pelo celular e um momento depois um Hummer negro seguiu pelo mesmo lugar onde tinha desaparecido o Impala.

Qhuinn e John Matthew estavam desfrutando uma noite livre com Blay no ZeroSum, mas esses rapazes sempre estavam preparados para a ação. Assim que Z os chamou, os três correram para o novo carro de Qhuinn, que estava estacionado a uma quadra e meia de distância.

Sob as ordens de Z os rapazes pisaram no acelerador para alcançar o sedan. Enquanto o alcançava, Z manteve os lessers à vista, desmaterializando-se de um terraço a outro enquanto o PDM² circulava pela margem do rio. Foi uma sorte fodida que os assassinos não decidissem pegar a rodovia, de outra forma poderiam ter escapado.

Qhuinn tinha habilidade detrás do volante e uma vez que seu Hummer estava certamente atrás do sedan, Z deixou a merda do lance de Homem Aranha e deixou que os garotos continuassem com o trabalho. Cerca de dezesseis quilômetros depois, Rhage guardou distância deles com seu GTO só para dissimular um pouco e reduzir a probabilidade de que os lessers se dessem conta de que estavam sendo seguidos.

Justo antes do amanhecer, Rhage seguira-os até este lugar, mas a luz do dia estivera muito próxima para tentar qualquer tipo de infiltração.

Esta noite viria a segunda parte. Certamente.

E quem diria. Na entrada para carros estava estacionado o Impala, muito tranquilo.

² PDM – Pedaco de merda

Quando finalmente as nuvens se reuniram, Z deu o sinal a Hollywood, e ambos se desmaterializaram, aparecendo um de cada lado da porta principal. A primeira coisa que escutaram foi uma discussão, as vozes eram as mesmas que Z tinha escutado na noite anterior junto ao Hudson. Evidentemente a dupla de assassinos ainda seguia discutindo o assunto.

Três, dois... e um...

Rhage abriu a porta com um chute, dando-lhe um tão forte que a filha da puta da sua shitkicker amassou o painel de metal.

Os dois lessers que estavam no vestibulo se viraram rapidamente, mas Z não lhes deu oportunidade de reagir. Tomando a dianteira com os canhões de seus SIG, disparou nos dois no meio do peito, as balas fizeram com que retrocedessem girando sobre si mesmos.

Rhage se encarregou das adagas, dando um salto e apunhalando primeiro um e depois o outro. Enquanto os flashes de luz branca e os ásperos sons se desvaneciam, o irmão ficou de pé de um salto e imóvel como uma rocha.

Nem Z nem Rhage se moviam. Usando seus sentidos, indagavam no silêncio da casa, procurando algo que sugerisse que havia mais ocupantes.

O gemido que borbulhou dentro de toda aquela calma provinha da parte de trás, e Z caminhou velozmente para o som, com o canhão da arma diante dele. Na cozinha, a porta da despensa estava aberta, e se desmaterializou à esquerda da mesma. Com um golpe dianteiro rápido ele jogou uma olhada nas escadas. Abaixo, havia uma débil lâmpada pendurada por um fio vermelho e branco, mas o atoleiro de luz não mostrava nada mais que as tábuas manchadas no chão.

Z determinado pela vontade, apagou a lâmpada abaixo e Rhage lhe deu cobertura da parte cima da escada enquanto Z evitava os degraus quebrados desmaterializando-se para a escuridão.

No nível mais baixo cheirou sangue fresco e à sua esquerda ouviu que o staccato produzia estalos de dentes que tremiam.

Voltou a ligar a luz do porão usando a determinação da sua vontade... e ficou sem fôlego.

Havia um macho vampiro civil com os braços e as pernas atados a uma mesa. Estava nu e coberto de hematomas, e em vez de olhar para Z, apertava com força os olhos, como se não pudesse suportar saber o que estava se aproximando dele.

Durante um momento Z não pôde mover-se. Era seu próprio pesadelo a toda cor, e a realidade se distorceu de tal forma que não estava seguro se era ele quem estava atado ou se era o tipo que veio resgatá-lo.

—Z? —disse Rhage de cima—. Há algo aí?

Z voltou sua atenção imediatamente e aclarou sua garganta.

—Estou nisso.

Enquanto se aproximava do civil, disse brandamente na Antiga Língua: —Fique tranqüilo.

Os olhos do vampiro se abriram de repente e sua cabeça se ergueu sobre sua espinha dorsal. Havia uma expressão de incredulidade, de assombro em seu olhar.

—Fique tranqüilo. —Z checkou duas vezes os cantos do porão, seu olhar penetrando as sombras, procurando sinais de que houvesse um sistema de segurança. Tudo o que viu foram muitas paredes de concreto e assoalho de madeira, junto com antigos tubos e cabos serpenteando pelo teto. Não havia lentes de câmeras nem aparelhos novos de fornecimento de energia elétrica.

Estavam sozinhos e sem vigilância, mas só Deus sabia por quanto tempo mais.

—Rhage, ainda está tudo limpo? —gritou para cima.

—Limpo!

—Há um civil. —Z avaliou o corpo do macho. Tinha sido golpeado, e embora não parecesse ter feridas abertas, não havia forma de saber se poderia desmaterializar-se.

—Chame os rapazes para o caso de precisarmos de transporte.

—Já chamei.

Z deu um passo adiante...

O chão se abriu, estilhaçando-se debaixo dele.

Enquanto a gravidade lhe aferrava firmemente com suas ambiciosas mãos e iniciava uma queda livre, a única coisa que pôde pensar foi em Bela. Dependendo do que encontrasse no fundo, isto poderia ser...

Aterrissou em algo que se fez em pedaços pelo impacto, lascas do que quer que fosse, cortaram suas calças de couro e suas mãos, antes de ricochetear para cima para cortar seu rosto e o pescoço. Manteve a arma aferrada porque tinha sido treinado para isso, e devido ao relâmpago de dor que o fez que se esticar da cabeça aos pés.

Teve que fazer inspirações profundas antes de conseguir reiniciar seu cérebro e tratar de estimar o dano.

Enquanto se sentava lentamente, o tilintar do som de partes de cristais caindo sobre um chão de pedra ressonava ao seu redor. No círculo de luz que provinha do porão que havia acima, viu que estava sentado no meio do brilhante resplendor de cristais...

Caíra sobre um lustre do tamanho de uma cama.

E sua bota esquerda estava apontando para trás.

—Me fodi.

Sua perna quebrada começou a pulsar de dor, fazendo ele pensar que se não tivesse olhado a maldita coisa, possivelmente continuaria sem senti-la.

O rosto do Rhage apareceu sobre a borda do buraco denteado acima.

—Tudo bem?

—Liberte o civil.

—Está bem?

—Quebrei a perna.

—Quanto?

—Bem, estou olhando a ponta do meu shitkicker e a frente de meu joelho ao mesmo tempo. E há uma grande possibilidade de que eu vomite. —Tragou com força, tratando de convencer as suas náuseas a se relaxarem—. Solte o civil e logo veremos como me tira daqui. OH, e se limite a andar sobre a fila de pregos sobre o chão. Evidentemente as tábuas estão fracas.

Rhage assentiu e logo desapareceu. Como as pesadas pisadas na parte de cima faziam com que caíssem sobre ele montes de pó, Z colocou a mão em sua jaqueta e tirou seu Maglite. A coisa era do tamanho de seu dedo mas era capaz de emitir um raio tão potente como o farol de um carro.

Enquanto percorria o lugar com a lanterna, seu problema na perna o incomodava um pouco menos.

—Que... demônios?

Era como estar em uma tumba egípcia. A sala de doze metros por doze estava povoada de objetos que resplandeciam, pinturas a óleo com molduras douradas, candelabros de prata, estátuas cravadas de pedras, pilhas inteiras de faqueiro de prata esterlina. E por todos lados

havam caixas empilhadas que provavelmente continham jóias, assim como também uma fila de aproximadamente quinze maletas de metal que dentro deveriam conter dinheiro.

Este era um depósito ilegal, cheio do que fora roubado durante as incursões praticadas no verão anterior. Tudo isto pertencera a glymera... até reconhecia os rostos de alguns dos retratos.

Ali embaixo havia enormes valores. E olhe você. À direita, perto do chão de terra batida, uma luz vermelha começou a piscar. Sua queda tinha ativado o sistema de alarme.

A cabeça de Rhage voltou a aparecer ante sua vista.

—O civil está livre, mas é impossível para ele desmaterializar-se. Qhuinn está a menos de um quilômetro daqui. Sobre que merda está sentado?

—Sobre um lustre, e isso não é nem a metade do que tenho para lhe dizer. Escute, teremos companhia. Este lugar está vigiado e eu ativei o dispositivo de alarme.

—Há alguma escada que me leve até você?

Z limpou da fronte o suor produzido pela dor, sentia a merda fria e pegajosa sobre o dorso de sua mão ensangüentada. Enquanto movia a lanterna ao seu redor, sacudiu a cabeça.

—Não consigo ver nenhuma, mas eles trouxeram os produtos ilegais até aqui de alguma forma, e estou seguro como o inferno que não foi através desse chão.

Rhage levantou a cabeça e o irmão franziu o cenho. O som de metal contra metal que fez sua adaga ao ser desembainhada foi como um ofego de antecipação.

—É Qhuinn ou um assassino. Se arraste para fora da luz enquanto averiguo.

Hollywood desapareceu do buraco do chão, suas pegadas agora eram silenciosos sussurros.

Z teve que embainhar a arma para tirar do caminho alguns fragmentos de cristais. Apoiando-se nas palmas levantou o traseiro da terra e apoiando-se também em seu pé bom começou a avançar como uma aranha para a escuridão, dirigindo-se para o candelabro de segurança. Depois de retroceder até onde estava a maldita coisa e como era o único lugar livre que pôde encontrar entre as pilhas de quadros e prataria, acomodou-se contra a parede.

Como acima tudo continuou em silêncio, soube que não era Qhuinn e os rapazes. E entretanto tampouco ouvia sons de luta.

Então a merda foi de mal a pior.

A «parede» em que estava apoiado se deslizou até se abrir e ele caiu de costas... aos pés de uma dupla de lessers zangados de cabelos brancos.

Quatro

Havia muitas coisas geniais a respeito de ser mãe.

Sustentar a sua pequena em seus braços e embalá-la até que adormecesse era definitivamente uma delas. Igualmente era dobrar suas roupinhas. E alimentá-la. E observá-la olhar para você alegremente e se perguntar quando despertaria.

Bela se acomodou na cadeira de balanço do quarto de bebês, colocou a manta debaixo do queixo de sua filha e acariciou brandamente a bochecha de Nalla.

Não obstante, uma consequência não tão desejável da maternidade era o fato da intuição feminina se intensificar demasiadamente.

Sentada dentro da segurança da mansão da Irmandade, Bela soube que algo de errado estava

ocorrendo. Embora estivesse segura e a salvo, e em um quarto de bebês tirado diretamente de um artigo intitulado “Aqui vive a Família Perfeita”, era como se houvesse uma corrente atravessando o quarto que cheirava à um animal morto. E Nalla também captara a vibração. A menina estava excessivamente quieta e tensa, seus olhos amarelos focados em algum ponto médio como se estivesse esperando que um grande alvoroço explodisse.

É óbvio, o problema com a intuição, estivesse este relacionado com o fato da maternidade ou não, era que se tratava de uma história sem palavras nem tempos. Embora se preparasse para receber más notícias, não havia nomes nem verbos para acompanhar a ansiedade e tampouco trazia algum selo com a hora ou a data. Assim permanecia ali sentada com o terror do ambiente cravado na parte traseira de seu pescoço como se fosse um pano frio e úmido, que sua mente tentava equilibrar, pois isso era o melhor que poderia fazer. Talvez se referisse apenas à “Primeira Refeição” que não lhe caíra bem. Talvez só se tratasse de um pouco de ansiedade que andava flutuando livremente.

Talvez...

Demônios, talvez o que estava remoendo suas vísceras nem sequer fosse intuição. Talvez se devesse ao fato de ter tomado uma decisão da qual não gostava.

Sim, era mais provável que esse fosse o caso. Depois de ter se preocupado, ter esperanças, se angustiado e tentado pensar em uma forma de solucionar seus problemas com Z, tinha de ser realista. Enfrentara-o... e não houvera verdadeira resposta de sua parte.

Nenhum: “Quero que vocês duas fiquem”. Nem sequer um: “Tentarei melhorar”.

Tudo o que tinha obtido dele era que sairia para lutar.

A qual, se quisesse, era uma espécie de resposta.

Olhando ao redor do quarto de bebês, enumerou o que deveria empacotar... não muito, só uma bolsa de viagem para Nalla e uma mochila para ela. Poderia conseguir outro cesto para fraldas, outro berço e outro trocador facilmente...

Para onde iria?

A solução mais fácil era para uma das casas de seu irmão. Rehvenge tinha muitas propriedades, e tudo o que teria que fazer era pedir. Demônios, que irônico isso era? Lutara para escapar dele, agora estava contemplando a idéia de voltar.

Não, contemplando, não. Decidindo.

Bela se inclinou para o lado, tirou o celular do bolso de seus jeans, e marcou o número de Rehv.

Depois de tocar duas vezes uma profunda e conhecida voz respondeu:

—Bela?

Ao fundo se ouvia o ruído de música, pessoas falando, e vários sons como de uma multidão rivalizando para obter um lugar.

—Oi.

—Alô? Bela? Espere um pouco, deixe-me ir ao meu escritório. —depois de uma longa e ruidosa pausa, o estrondo foi repentinamente interrompido—. Olá, como está você e seu pequeno milagre?

—Preciso de um lugar para ficar.

Silêncio total. Logo seu irmão disse:

—Isso seria para dois ou para três?

—Dois.

Outra longa pausa.

—Devo matar esse idiota bastardo?

O tom frio e maligno a assustou um pouco,recordando-a que seu amado irmão não era um macho com quem pudessem foder.

—Deus não.

—Fale minha irmã. Me conte o que está ocorrendo.

A morte era um pacote negro que vinha em uma grande variedade de formas, pesos e tamanhos. Ainda assim, era o tipo de coisa que quando golpeava a sua porta principal, reconhecia o destinatário sem ter que revisar o endereço do remetente nem abrir o pacote.

Simplesmente sabia.

Enquanto Z jazia de costas no caminho desses dois lessers, soube que seu pacote do FedEx tinha chegado, e a única coisa que lhe passou pela mente foi que não estava preparado para aceitar a entrega.

É obvio não era o tipo de coisa que pudesse se negar a receber.

Sobre ele, envoltos num tênue resplendor de uma espécie de iluminação, os lessers ficaram congelados como se ele fosse a última coisa que esperavam ver. Logo tiraram suas armas.

Z não tinha as últimas palavras, tinha uma última imagem, uma que eclipsava totalmente a ação do cano duplo que estava a ponto de disparar à queima-roupa diretamente em sua cabeça. Em sua mente via bela e Nalla juntas na cadeira de balanço que havia no quarto de bebês. Não era uma imagem da noite anterior que incluía Kleenexes, olhos avermelhados e seu gêmeo com expressão grave. Era de semanas antes, quando Bela estivera olhando a menina que tinha em seus braços com tanta ternura e amor. Como se presentisse que ele estava na entrada, tinha levantado o olhar, e por um momento também sentira-se envolvido pelo amor que havia em seu rosto.

Soaram os dois disparos, e o mais estranho foi que a única dor que sentiu foi a agulhoada do som em seus ouvidos.

Seguiram dois ruídos surdos, que ressonaram ao redor da sala cheia de todas as riquezas roubadas.

Z levantou a cabeça. Qhuinn e Rhage estavam de pé justamente atrás de onde estiveram os lessers, acabavam de baixar as armas. Blay e John Matthew estavam com eles, também com as armas nas mãos.

—Você está bem? —perguntou Rhage.

Não. A resposta seria um grande, terminante e fodido não.

—Sim. Sim, estou bem.

—Blay, volte para túnel comigo —disse Rhage—. John e Qhuinn, fiquem com ele.

Z deixou sua cabeça cair para trás novamente e escutou os dois pares de shitkickers se afastarem na distância. No inquietante silêncio que se seguiu, percorreu-o uma onda de náuseas e cada centímetro dele começou a tremer, quando levantou as mãos para levar ao rosto, tremiam como bandeiras ao vento.

John tocou seu braço e deu um salto.

—Estou bem... estou bem.

John disse por gestos:

“Nós vamos tirar você daqui”.

—Como... — aclarou a garganta—. Como posso saber que isto está ocorrendo?

“Desculpe? Como você pode saber...?”

Os dedos de Zsadist saltavam ao longo de sua fronte enquanto tentava calcular de que parte os lessers estiveram apontando suas armas.

—Como posso saber que isto é real? e não uma... como posso saber que não acabei de morrer?

John olhou Qhuinn por cima de seu ombro como se não tivesse nem idéia de como responder e estivesse procurando ajuda. Logo golpeou seu próprio peito provocando um som sólido.

“Eu sei que estou aqui”.

Qhuinn se inclinou e fez o mesmo, um forte som grave se elevou de seu peito.

—Eu também.

Zsadist deixou que sua cabeça voltasse a cair, seu corpo se revolia dentro de sua própria pele tão fortemente que seus pés sacudiam-se sobre o chão de terra batida.

—Não sei... se isto é real... OH, merda...

John o olhou fixamente como se estivesse medindo sua crescente agitação e tentando pensar que inferno poderia fazer.

Abruptamente o rapaz estendeu a mão para a perna quebrada de Z e virou seu shitkicker com um rápido puxão.

Z se endireitou instantaneamente e ladrou: —Filho da puta!

Mas foi algo bom. A dor agiu em sua mente como uma grande varredura, limpando as teias de delírios e substituindo-as por uma centrada e demolidora claridade. Estava muito vivo. Realmente estava.

Juntamente com essa compreensão pensou em Bela. E em Nalla.

Tinha que alcançá-las.

Z ficou de lado para pegar seu telefone, mas sua vista nublou-se pela dor da perna.

—Merda. Pode me dar meu celular? Que está em meu bolso traseiro?

John o virou com cuidado, tirou o RAZR, e o entregou.

—Então não acha que exista alguma forma de resolver? —disse Rehv.

Bela sacudiu a cabeça em resposta à pergunta de seu irmão, logo recordou que não podia vê-la.

—Não, não acho. Ao menos não à curto prazo.

—Merda. Bom, sabe que pode contar comigo. Quer ficar com mahmen?

—Não. Quero dizer.. eu gosto que ela venha me visitar durante a noite, mas necessito de meu próprio espaço.

—Porque tem a esperança que ele vá buscá-la.

—Não fará isso. Desta vez é diferente. Nalla... mudou tudo.

A pequena suspirou e se aconchegou mais perto de seu recanto favorito, entre a parte superior do braço e o peito. Bela sustentou o celular contra seu ombro e acariciou o cabelo que estava crescendo suave como uma pluma. As ondas, quando crescessem, seriam multicoloridas, loiras, ruivas e castanhas todas mescladas, exatamente iguais às de seu pai se não as cortasse tão curtas.

Quando Rehv riu estranhamente, ela disse:

—O que?

—Depois de todos estes anos lutando para mantê-la em minha propriedade, agora não quero que deixe a mansão da Irmandade. Sério, não há nada mais seguro que esse complexo... mas sim, tenho uma casa perto do Rio Hudson que está boa. Fica perto da casa de uma amiga minha, e não é nada luxuosa, mas há um túnel que as une. Ela a manterá a salvo.

Depois que ele lhe deu o endereço, Bela murmurou:

—Obrigado. Vou empacotar algumas poucas coisas e dentro de uma hora pedirei a Fritz que me leve.

—Abastecerei a geladeira para você agora mesmo.

O telefone emitiu um assobio indicando a entrada de uma mensagem de texto.

—Obrigado.

—Você disse para ele?

—Z sabe que isso aconteceria. E não, não vou impedir que veja Nalla se ele desejar, mas ele terá que tomar a decisão de vê-la.

—E a seu respeito?

—Eu o amo... mas tudo isto foi muito difícil para mim.

Pouco depois terminaram de falar, e quando Bela afastou o celular de sua orelha, viu que chegara uma mensagem de texto de Zsadist.

SINTO MUITO. EU TE AMO. POR FAVOR ME PERDOE — NÃO POSSO VIVER SEM VOCÊ.

Mordeu o lábio e piscou rapidamente. E respondeu a mensagem.

Cinco

Z olhava fixamente a tela de seu celular rezando por uma resposta de Bela. Ele poderia ter ligado, mas sua voz tremia muito e não queria alarmá-la. Além do que, entrar em uma enorme coisa emocional não era uma boa idéia considerando que estava com uma perna quebrada em território lesser.

Rhage e Blay retornaram através do túnel.

—... é por isso que não entraram na casa —Rhage dizia—. A entrada desse depósito é através da cobertura que há na parte traseira. Primeiro estavam checando o sistema de segurança, claramente não se preocupavam com o fato de que alguém pudesse ter entrado na casa.

Z aclarou a garganta e murmurou:

—O alarme continua piscando. Se não o desligarmos, haverá mais...

Rhage apontou para a luz vermelha com a arma, apertou o gatilho, e pulverizou a coisa.

—Talvez isso funcione.

—É um perito em tecnologia, Hollywood —murmurou Z—. Exatamente igual ao Bill Gates.

—O que seja. Precisamos tirar você e o civil daqui...

O telefone de Z vibrou e contendo o fôlego o abriu para ver a resposta de Bela. Depois de lê-la duas vezes, fechou os olhos com força e fechou o telefone.

OH, Deus... não.

Levantando a parte de cima de seu corpo do chão de terra, balançou-se tentando ficar de pé. O disparo de agonia que subiu pela sua perna ajudou a distraí-lo, evitando que visse o sangue que tinha formado um atoleiro debaixo dele.

— que...

— ...merda você ...

— ...está fazendo...

John gesticulou o que os outros três estavam dizendo: “O que está fazendo?”

— Preciso ir para casa. — Desmaterializar-se não era uma opção devido a sua perna... que cada vez que se movia lhe provocava vontade de vomitar —. Preciso...

Hollywood colocou seu rosto perfeitamente bonito bem à frente ao de Z.

— Pode se acalmar? Está em estado de choque...

Z agarrou a parte superior do braço do macho e apertou para que o irmão se calasse. Falou devagar, e quando terminou, Rhage só pôde piscar.

Depois de um momento Hollywood disse devagar:

— Entretanto há um problema. Tem uma fratura exposta, meu irmão. Prometo que o levaremos de volta, mas devemos levá-lo a um médico. Porque estou certo de que morto não é como quer terminar, compreende?

Quando se viu envolto por uma grande onda de enjôo que surgiu do nada, Z teve o pressentimento de que seu irmão tinha razão. Mas à merda com ele.

— Casa. Eu quero...

Seu corpo desabou. Simplesmente se dobrou sobre si mesmo como um castelo de cartas. Rhage suportou seu peso e se voltou para os rapazes.

— Vocês dois, carreguem ele e o levem pelo túnel. Rápido. Eu os cobrirei.

Zsadist grunhiu quando mudou de mãos e foi conduzido como se fosse o cadáver de um veado encontrado no meio de uma estrada. A dor era devastadora, e fazia com que seu coração palpitasse com força e sua pele tremesse, mas era bom. Precisava da manifestação física da emoção presa no centro de seu peito.

O túnel tinha cerca de quarenta e cinco metros de comprimento e uma altura tal, que só um hobbit poderia permanecer de pé ali... por isso a viagem de saída foi quase tão divertida quanto nascer. Qhuinn e John estavam encurvados e lutavam para não soltá-lo enquanto arrastavam seu traseiro, eram dois adultos metidos em um modelo para crianças. Enquanto o corpo de Z emitia um som discordante e seu pé fodido soava como um sino, a única coisa que o mantinha consciente era a mensagem de texto de Bela.

SINTO MUITO. EU TE AMO, MAS ELA E EU DEVEMOS IR. ESTA NOITE, MAIS TARDE, QUANDO ESTIVERMOS INSTALADAS LHE DAREI O ENDEREÇO.

No exterior o ar estava fresco, e Z empurrou a merda para seus pulmões com a esperança de acalmar seu estômago. Foi levado diretamente ao Hummer e acomodado na parte de trás, junto com o civil, que estava desacordado. John, Blay e Qhuinn se amontoaram dentro, e logo houve uma série de corridas e demoras.

Finalmente Rhage saiu disparado da casa, sinalizou brevemente três dedos e um punho, e mergulhou no assento do acompanhante. Enquanto o irmão começava a digitar em seu celular, Qhuinn pisou no acelerador demonstrando mais uma vez que tinha cérebro: o tipo fora bastante inteligente para entrar de ré, o que significava que agora poderia sair em linha reta pela entrada para carros e tomar o caminho de saída a toda velocidade.

Rhage olhou seu relógio enquanto avançavam aos saltos.

—Quatro... e três... dois...

A casa explodiu atrás deles formando uma bola de fogo e como consequência as ondas expansivas começaram a se deslocarem pelo ar...

Nesse momento uma Mini-Van repleta de inimigos apareceu no outro extremo da entrada para carros, bloqueando o caminho para a Rota 9.

Bela checou novamente as duas bolsas L.L. Bean e estava bastante segura que tinha tudo o que pudesse precisar a curto prazo. No de alças verdes tinha roupas para ela, o carregador do celular, a escova de dentes, e dois mil dólares em dinheiro. O de alças azuis continha as roupas de Nalla, as mamadeiras e as fraldas, as toalhinhas umidecidas, creme para assaduras, mantinhas, um ursinho de pelúcia, e Ah, o “Lugares Que Você Irá!” escrito por Dr. Seuss .

Em uma noite como essa, o nome do livro favorito da Nalla era como um chute no traseiro. Realmente era.

Quando soou um golpe na porta do quarto de bebês, Bela gritou:

—Entre!

Mary, a shellan de Rhage apontou a cabeça. Seu rosto parecia tenso, seus olhos cinzas tinham uma expressão sombria inclusive antes de baixar o olhar para as bolsas.

—Rhage me enviou uma mensagem de texto. Z foi ferido. Sei que vai embora, e o motivo não é de minha conta, mas espero que considere esperar um pouco. Pelo que Rhage disse, Z precisará desesperadamente de se alimentar.

Bela se endireitou com lentidão.

—Quanto... o quanto foi ferido? O que...

—Não tenho mais detalhes além de que chegarão em casa o mais rápido possível.

OH... Deus. Eram as notícias que sempre tinha temido. Z ferido no campo de batalha.

—Qual é o LHA ?

—Rhage não disse. Sei que têm que deixar um civil ferido na nova clínica de Havers, mas fica no caminho. Não estou segura se Z será atendido aqui ou lá.

Bela fechou os olhos. Zsadi lhe enviara a mensagem de texto quando já estava ferido. Tentara chegar até ela no momento em que estava sofrendo... e ela o esbofeteara manifestando que iria abandoná-lo aos seus demônios.

—O que foi que eu fiz... —disse devagar.

—Desculpe? —perguntou Mary.

Bela sacudiu a cabeça tanto para si mesma como em resposta à pergunta da fêmea.

Aproximando-se do berço, olhou para sua filha. Nalla estava dormindo com o profundo esgotamento das crianças, seu pequeno peito subia e baixava com decisão, suas mãos rosadas estavam fechadas formando punhos, suas sobrancelhas franzidas como se estivesse concentrando-se para crescer.

—Ficaria com ela? —perguntou Bela.
—Claro.
—Há leite na geladeira logo ali.
—Ficarei aqui. Não irei a nenhuma parte.

Na entrada para carros da casa de Jolly Green Giant, Z sentiu a forte sacudida de Qhuinn ao frear o Hummer. O SUV se manteve firme quando as leis da física agarraram sua massa com força, finalizando sua aceleração antes que o veículo esmagasse a frente da Mini-Van que havia em seu caminho.

Por todas as janelas do modelo preferido das super mães, propriedade da Sociedade Lessening, saíram canos de pistolas, como se a merda fosse uma diligência, e o lugar se converteu em uma loucura de balas repicando contra o corpo reforçado de aço do Hummer e ricocheteando contra os vidros de Plexiglás de dois centímetros de espessura.

—É a segunda noite que saio com meu carro —cuspiu Qhuinn—. E estes fodidos querem fazer dele queijo suíço? Ao demônio com eles. Segurem-se.

Qhuinn deu a ré, o SUV deu um tranco e retrocedeu cerca de quatro metros, logo pôs primeira e cravou o pé no acelerador até o fundo. Torceu o volante para a esquerda e esquivou da caminhonete, montes de terra saíram disparados para cima, golpeando ambos os carros.

Enquanto se balançavam como um bote numa tempestade, Rhage colocou a mão na jaqueta e tirou uma granada de mão. Abrindo sua janela à prova de balas só o suficiente, tirou o pino com os dentes e atirou o explosivo do tamanho de um punho. Por um milagre de Deus a maldita coisa escorregou pelo teto da Mini-Van e rolou para debaixo do veículo.

Os três lessers saltaram para fora da merda como se estivesse pegando fogo.

E dez segundos depois estava, as chamas iluminaram a noite.

Meeeeeeeeeeerda.

Z pensara que a viagem pelo túnel fora ruim para sua perna, mas não fora nada comparado com o ato de bater-e-estilhaçar que tiveram que realizar para escapar desses assassinos. Quando o Hummer irrompeu na Rota 9 depois de ter destruído ao menos um dos lessers atirando-o sobre seu capô, Zsadiest estava a beira de um desmaio.

—Merda, vai entrar em estado de choque.

Z se deu conta sem muito interesse que Rhage se virou e estava olhando para ele e não para o civil.

—Não é verdade —resmungou enquanto seus olhos rodavam e ficavam em branco—. Só estou descansando um pouco.

Rhage entreitou os espetaculares olhos cor azul das Bahamas.

—Exposta. Fratura. Filho da puta. Você está sangrando enquanto nós falamos.

Z levantou o olhar até o espelho retrovisor de Qhuinn.

—Lamento pelo seu carpete.

O macho sacudiu a cabeça.

—Não se preocupe. Por você, não teria absolutamente nenhum problema em destroçar meu carro.

Rhage pôs a mão no pescoço de Z.

—Maldição, está branco como a neve e tem quase a mesma temperatura. Terá que ser tratado na clínica.

— Em casa.

Em voz baixa Rhage disse:

— Mande uma mensagem de texto para Mary para que não a deixasse ir embora, OK? Bela ainda estará lá sem se importar quanto tempo leve para retornar à mansão. Não o abandonará antes de você chegar em casa.

Um grande silêncio invadiu o carro, como se todo mundo estivesse ocupado fingindo não ter ouvido nada das notícias de último momento de Rhage.

Z abriu a boca para discutir.

Mas desmaiou antes que pudesse reunir mais objeções.

Seis

Bela andava sobre as pernas trementes pela sala de primeiros socorros e fisioterapia do centro de treinamento, dando voltas ao redor da mesa de exames. Parava freqüentemente para checar o relógio.

Onde estavam? Que mais poderia ter saído errado? Já havia se passado mais de uma hora...

“OH, Deus por favor, que Zsadist esteja vivo. Por favor, que o tragam de volta com vida”.

Caminhou e caminhou. Finalmente se deteve junto à cabeceira da maca e percorreu o olhar sobre ela. Levando a mão sobre a superfície acolchoada se encontrou pensando em quando estivera sobre essa coisa, como paciente. Três meses atrás. Quando Nalla nasceu.

“Deus, que pesadelo foi aquilo”.

“E Deus, que pesadelo era isto”... esperando que trouxessem para ela o seu hellren ferido, sangrando, sofrendo. E isso seria no melhor dos casos. O pior seria um corpo coberto com um lençol, algo que nem sequer podia contemplar.

Para evitar ficar louca, pensou sobre o nascimento, sobre o momento no qual a vida de ambos, dela e de Z haviam mudado para sempre. Como para a maior parte das coisas dramáticas, preparou-se para o grande evento com antecipação, mas quando chegou o momento, fora algo aterrador. Estava no nono mês dos dezoito habituais e tinha sido uma noite de segunda-feira.

Linda maneira de começar a semana.

Tivera o desejo de comer chili, e Fritz a agradara, levando-lhe uma porção tão picante como um maçarico. Entretanto quando o querido mordomo lhe levava a fumegante travessa, fora incapaz de agüentar o aroma e sequer olhar para a comida. Sentindo náuseas e encharcada de suor, fora tomar uma ducha para refrescar-se, e ao deslocar-se pesadamente para o banheiro, perguntou-se como demônios suportaria outros sete meses, com o bebê crescendo em seu ventre.

Evidentemente, Nalla, tinha tomado o pensamento casual do coração. Porque pela primeira vez em semanas, moveu-se com força... e lhe dando um agudo chute, rompeu sua bolsa.

Bela levantara o roupão e olhara para baixo vendo todo aquele líquido, perguntando-se durante um momento se teria perdido o controle de sua bexiga. Logo entendeu. Embora tivesse seguido o conselho da doutora Jane e tivesse evitado ler a versão vampírica de: “O Que Esperar Quando Você Está Esperando”, tinha noção suficiente para saber que uma vez que a bolsa se rompesse, não havia volta.

Dez minutos depois estava deitada nessa maca, e a doutora Jane estava examinando-a rápida mas conscienciosamente. Seu diagnóstico foi que o corpo de Bela não parecia estar preparado para seguir o programa, e que teria que tirar Nalla. Administrou-lhe Oxitocina que era um

medicamento utilizado freqüentemente para induzir o parto nas mulheres humanas, e pouco depois Bela aprendeu que havia uma diferença entre a dor e o trabalho.

A dor conseguia chamar sua atenção. O trabalho exigia toda sua atenção.

Zsadist estivera fora no campo de batalha, e quando chegou, ficou tão frenético que os poucos cabelos que se sobressaíam de seu corte raspado se puseram em pé. Assim que cruzou a porta, desfez-se de suas armas, formando uma pilha que cresceu até ter o tamanho de uma poltrona de dois lugares e logo correu para ficar ao seu lado.

Nunca o tinha visto tão assustado. Nem sequer quando despertava sobressaltado por ter sonhado com a Ama sádica que tivera. Os olhos se tornaram negros, não pela ira, mas sim pelo medo, e tinha os lábios tão apertados que pareciam um par de raíais brancas.

Tê-lo ao seu lado, ajudara-a a superar à dor. E precisava dele. A doutora Jane aconselhara-a que não tomasse a anestesia epidural, já que esta droga nos vampiros, poderia provocar uma diminuição alarmante da pressão arterial. Assim, nada de anestesia para ela.

E tampouco havia tempo para levá-la à clínica de Havers. Uma vez que a Oxitocina se dispersou em seu corpo, o trabalho de parto progredira muito rápido para ser transferida para qualquer parte... embora isso tampouco importava, pois o amanhecer estava se aproximando. O que significava que também era impossível que um médico da raça chegasse ao centro de treinamento a tempo.

Bela retornou ao presente e passou a mão por cima do fino travesseiro que descansava na maca. Podia recordar ter agarrado a mão de Z com força suficiente para quebrar seus ossos, como ela fez força até que seus dentes doessem, e ela sentiu como se estivessem rasgando-a ao meio.

E nesse momento seus sinais vitais paralisaram.

—Bela?

Virou-se rapidamente. Wrath estava na porta da sala de primeiros socorros, o enorme corpo do Rei enchia o batente. Com os cabelos negros compridos até a cintura, os óculos de sol intensamente escuros, e as calças de couro negro, parecia uma versão moderna de Grim Reaper aproximando-se silenciosamente.

—OH, por favor, não —disse, aferrando-se à maca—. Por favor...

—Não, ele está bem. Ele está bem. —Wrath se aproximou e a pegou pelo braço, sustentando-a — Ele está estável.

—Estável?

—Tinha uma fratura exposta na parte inferior da perna, o que fez com que sangrasse um pouco.

Esse pouco era certamente um muitíssimo, pensou ela.

—Onde está?

—Neste momento estão trazendo ele para casa vindo de Havers. Imaginei que estivesse preocupada, por isso vim avisá-la.

—Obrigado. Obrigado... —Apesar dos problemas que estavam tendo ultimamente, a idéia de perder seu hellren era devastadora.

—Wow, calma aí. —O Rei a envolveu em seus enormes braços e a abraçou brandamente—. Deixe que os tremores a atravessem. Dessa forma, acredite ou não, poderá respirar mais facilmente.

Fez o que lhe sugeria, afrouxando o rígido controle que estivera exercendo sobre seus músculos. Como resposta, todo seu corpo se estremeceu, dos ombros até as panturrilhas, e teve

que confiar na força do Rei para mantê-la em pé. Entretanto, ele tinha razão. Apesar de estar tremendo, foi capaz de respirar fundo uma ou duas vezes.

Quando se estabilizou um pouco, afastou-se. Quando viu a maca, franziu o cenho, e teve que começar a caminhar novamente.

—Wrath, posso lhe perguntar algo?

—Claro.

Teve que passear um pouco mais antes de conseguir formular a pergunta apropriadamente.

—Se Beth tivesse um bebê, amaria a criança tanto quanto ama ela?

O Rei pareceu surpreso.

—Ah...

—Sinto muito —disse, sacudindo a cabeça—. Isso não é da minha conta...

—Não, não é isso. Estou tentando imaginar a resposta.

Levantou a mão e tirou os óculos de seus brilhantes olhos verdes-claros. Embora estivessem desfocados, seu olhar não deixava de ser absolutamente chamativo.

—Aqui vai... e acredito que isto é uma realidade para todos os machos emparelhados. Sua shellan é o coração que bate em seu peito. Inclusive, muito mais que isso. É seu corpo, sua pele e sua mente... tudo o que foi e tudo o que será. Assim um macho nunca poderá sentir tanto amor por outra pessoa como o que sente por sua companheira. Simplesmente não é possível... e penso que as coisas evoluíram um pouco. Quanto mais profundamente amar, mais protetor se tornará, e manter a sua fêmea com vida à todo custo, significa que ela poderá cuidar dos filhos que tiver. Tendo estabelecido esse ponto, é obvio que ama seus filhos. Penso em Darius com Beth... quero dizer, ele estava desesperado para mantê-la a salvo. E Tohr com John... e... sim, quero dizer, sentem um profundo amor por eles, com certeza.

Era lógico, mas não de muita ajuda considerando que Zsadist nem sequer queria carregar Nalla...

As portas duplas da sala de primeiros socorros se abriram e Z foi levado para dentro. Estava vestido com uma camisola de hospital, provavelmente porque suas roupas tiveram que ser cortadas na clínica de Havers, e não havia cor em seu rosto inteiro. Tinha ambas as mãos enfaixadas e tinha uma tala na parte inferior da perna.

Estava desacordado.

Ela correu ao seu lado e tomou sua mão.

—Zsadist? Zsadist?

Às vezes as injeções e as pílulas não eram o melhor tratamento para um ferido. Às vezes tudo o que precisava era o toque do ser amado, o som de sua voz e o conhecimento de que estava em casa, e isso era suficiente para fazê-lo retornar do abismo.

Z abriu os olhos. O azul safira do olhar fixo que ele encontrou trouxe mares de lágrimas aos seus olhos. Bela estava inclinada sobre ele, seus espessos cabelos cor mogno caindo por cima de seu ombro, o lindo rosto de traços clássicos sulcado pela preocupação.

—Oi —a saudou, porque era a melhor coisa que conseguia fazer.

Na clínica se recusou que lhe administrassem analgésicos, porque o efeito entorpecente que causavam, sempre o recordava a maneira que fora drogado pelas mãos de sua Ama... por isso estivera plenamente consciente quando a doutora Jane abriu sua perna para voltar a fixá-la em seu lugar. Bom, em todo caso, estivera consciente parte do tempo. Durante um momento estivera

desacordado. Concluindo, sentia-se como morto. Sem dúvida parecia um, também. E existiam tantas coisas para dizer.

—Oi. —Bela passou a mão sobre sua cabeça raspada—. Oi...

—Oi... —antes de começar a fazer uma cena ridícula, jogou uma olhada ao seu redor para ver quem mais estava na sala de primeiros socorros e fisioterapia. Wrath estava falando com Rhage no canto próximo à banheira de hidromassagem, Qhuinn, John e Blay estavam de pé em frente às fileiras de gabinetes de aço e vidro.

Testemunhas. Merda. Precisava controlar-se.

Depois de piscar várias vezes pôde enfocar claramente os detalhes da sala e pensou na última vez que tinha estado ali.

No nascimento.

—Shhh... —murmurou Bela, que evidentemente tinha interpretado mal a razão de sua careta de dor—. Só feche os olhos e relaxe.

Fez o que lhe pediu, porque tinha retornado da beira do abismo e não devido ao tanto que estavam doendo sua perna e suas mãos.

Deus, a noite em que Nalla nasceu... quando quase perdeu sua shellan...

Z apertou ainda mais os olhos, desejando não reviver o passado... nem olhar muito de perto o presente. Corria o perigo de perder Bela. De novo.

—Eu te amo... —sussurrou—. Por favor não me deixe...

—Estou bem aqui.

Sim, mas por quanto tempo?

O pânico que sentia nesse momento o levou de volta à noite do nascimento... Estivera no campo de batalha com Vishous, investigando o seqüestro de um civil no centro. Quando recebeu a ligação da doutora Jane, deixou V como um mal hábito e se desmaterializou para o pátio da mansão, deslocando-se através do vestíbulo e pelo túnel. Todo mundo, as shellans, os doggens e igualmente Wrath, saíram do seu maldito caminho para evitar se tornarem pinos de boliche.

No centro de treinamento, nessa mesma sala, tinha encontrado Bela deitada na mesma maca em que ele jazia nesse momento. Tinha chegado em meio à uma contração e tivera que observar como o corpo de Bela estava preso em seu lugar, como se uma mão gigante estivesse esmagando-a ao meio. Quando a dor se acalmou ela respirou fundo, e logo o olhou e lhe sorriu debilmente. Quando estendeu a mão para ele, tirou suas armas, deixando-as cair sobre o chão de linóleo.

—Mãos —tinha ladrado a doutora Jane—. Lave as mãos antes de se aproximar daqui.

Assentiu e se dirigiu diretamente para os profundos lavatórios com pedais. Ensaboou os braços até que sua pele brilhou com um tom rosa Barbie. Logo se secou com uma toalha cirúrgica azul e se apressou para ir ao lado de Bela.

As palmas de suas mãos acabavam de se encontrarem quando a seguinte contração chegou trovejando. Bela tinha apertado sua mão esmagando-a, mas não tinha se importado. Ao sustentar seu olhar enquanto se retorcia, faria qualquer coisa para evitar sua dor... a essa altura até cortaria seus próprios testículos alegremente. Não podia acreditar que por culpa dele estivesse passando por esse tipo de sofrimento.

Ficou pior. O trabalho de parto era como uma locomotiva ganhando velocidade, e seus trilhos estavam todos sobre o corpo de Bela. Mais fortes, mais longas, mais seguidas. Mais fortes, mais longas, mais seguidas. Não sabia como conseguia suportar. E logo não pôde mais.

Paralisou, todos seus sinais vitais pararam... batimentos cardíacos, pressão arterial, tudo se foi à merda. Soube quão sério era pela rapidez que se movia a doutora Jane. Lembrava das drogas entrando pela injeção, e Vishous adiantando-se com... merda, instrumentos cirúrgicos e uma incubadora fetal.

A doutora Jane colocou um par de luvas de látex novas, olhando primeiro para Bela e logo para ele.

—Teremos que cortar para tirar a bebê, OK? Ela também está sofrendo.

Assentiu. Naquele momento assentiu várias vezes, tanto por ele como por Bela. O Betadine se via de uma cor ocre enquanto V o esfregava por todo o abdômen inchado de Bela.

—Ficará bem? —resmungou Bela desesperada—. Nosso bebê ficará...?

A doutora Jane se inclinou.

—Olhe-me.

As duas fêmeas se olharam nos olhos.

—Farei todo o possível para que ambas saiam disto. Quero que você se tranqüilize, esse é seu trabalho. Acalme-se e me deixe fazer aquilo no que sou a melhor. Agora respire fundo.

Zsadist respirara fundo com sua shellan... e logo observara como as pálpebras de Bela piscavam súbitamente e como seu olhar se cravava no teto com uma estranha fixação. Antes que pudesse lhe perguntar o que estivera olhando, tinha fechado os olhos.

Houve um momento de terror no qual pensou que nunca mais voltaria a vê-los abertos novamente.

Logo ela disse:

—Só assegurem-se que a menina esteja bem.

Nesse momento gelou, absolutamente gelou, porque estava claro que Bela não pensava que fosse sair com vida. E a única coisa que a preocupava era a menina.

—Por favor fique comigo —gemeu no momento em que lhe faziam a incisão.

Bela não o escutou. Ficou inconsciente, tranqüila como se estivesse em um bote que deixara suas amarras para flutuar atravessando águas tranqüilas.

Nalla nasceu às seis e vinte e quatro da manhã

—Está viva? —ele perguntara.

Embora agora se envergonhasse admitir, a única razão pela qual queria saber era porque Deus não poderia permitir que Bela despertasse para inteirar-se de que sua filha teria nascido morta.

Enquanto a doutora Jane costurava Bela, Vishous trabalhava rápido com o balão de sucção sobre a boca e o nariz da menina, logo carregara uma pequena injeção e fizera algo em suas mãos e seus pés. Rápido. Nisto ele tinha agido tão rápido como sua shellan.

—Está viva?

—Zsadist?

Seus olhos se abriram de repente e voltou para o presente.

—Precisa de mais calmantes? —perguntou Bela—. Parece que estava agonizando.

—Não posso acreditar que tenha sobrevivido. Era tão pequena.

Quando essas palavras saíram da boca de Zsadist, Bela se sentiu confusa, mas somente por alguns segundos. O nascimento... estava pensando no nascimento.

Acariciou o cabelo suave e curto de sua cabeça, tentando aliviá-lo ao menos um pouco.

—Sim... sim, ela era.

Seus olhos amarelos se desviaram para as outras pessoas que estavam na sala e baixou a voz.

—Posso ser honesto?

OH, merda, pensou.

—Sim, por favor.

—O único motivo pelo qual me preocupei em saber se ela estava viva ou não, foi porque não queria que lhe dessem a notícia de que não estava. Ela era a única coisa que a inquietava... e não poderia suportar que a perdesse.

Bela franziu o cenho.

—Refere-se ao final?

—Sim... disse que só queria que se assegurassem que ela estivesse bem. Essas foram suas últimas palavras.

Bela estendeu a mão e pôs a palma sobre sua bochecha.

—Pensei que estava morrendo e não queria que ficasse completamente sozinho. Eu... eu vi a luz de Fade. Iluminava tudo ao meu redor, me banhando. Estava preocupada com você... a respeito do que aconteceria se eu não sobrevivesse.

Seu rosto empalideceu ainda mais, demonstrando que no espectro existia uma cor ainda mais pálida que o branco.

—Me ocorreu que era isso que estava acontecendo. OH... Deus, não posso acreditar o quão perto estive.

A doutora Jane se aproximou da maca.

—Sinto interromper. Posso examinar rapidamente seus sinais vitais?

—Claro.

Enquanto Bela observava a Doutora apressar-se para examiná-lo, pensou em como essas mãos fantasmagóricas tinham ajudado sua filha nascer.

—Bem —disse a doutora Jane, enlaçando o estetoscópio ao redor de seu pescoço—. Está tudo bem. Está estável e em aproximadamente uma hora será capaz de se levantar e caminhar um pouco.

—Obrigado —murmurou Bela ao mesmo tempo que Z.

—Foi um prazer. Acreditem. Agora, se estiver tudo bem para vocês, nós iremos embora e permitiremos que passem um tempo a sós.

O grupo se dispersou entre ofertas de ajuda, comida e qualquer outra coisa que pudessem necessitar. Quando Wrath foi para a porta, deteve-se um momento e olhou Bela.

Quando o Rei inclinou um pouco a cabeça e fechou a porta, ela esticou a mão no ombro de Z. Aclarou a garganta.

—Quer que lhe traga algo...

—Devemos conversar.

—Isso pode esperar...

—Até que se vá? —Z sacudiu a cabeça—. Não. Tem que ser agora.

Bela arrastou um banco com rodas e se sentou, acariciando seu antebraço, porque não podia segurar suas mãos enfaixadas.

—Estou assustada. Se não pudermos... vencer esta distância...

—Eu também.

Enquanto suas palavras ficavam penduradas no silêncio da sala ladrilhada da clínica, Bela recordou o momento em que tinha despertado da cesárea no dia do nascimento. A primeira coisa que viu, foram os olhos de Zsadist. Estivera olhando-a com uma expressão angustiada, mas lentamente essa dor se dissipou, dando passo à incredulidade e logo à esperança.

—Mostrem à ela a bebê — tinha gritado Z agudamente—. Rápido.

Vishous tinha aproximado a incubadora, e Bela viu sua filha pela primeira vez. Arrastando a intravenosa que tinha presa ao braço, pusera as pontas dos dedos sobre a cápsula de Plexiglás. No instante em que fez contato com o escudo transparente, a bebê voltou a cabeça.

Bela olhou para Zsadist.

—Podemos chamá-la de Nalla?

Os olhos dele se umideceram.

—Sim. Absolutamente. Como você quiser.

Beijara-a e lhe proporcionara sua veia e fora tudo o que alguém pudesse desejar de um companheiro atento e carinhoso.

Voltando para o presente sacudiu a cabeça.

—Parecia tão feliz. Logo depois do nascimento. Estava festejando com os outros. Estava ali quando puseram as fitas no berço... foi procurar Phury e cantou para ele...

—Porque você estava viva e não tinha que sofrer a perda de sua filha. Meus piores temores não se tornaram realidade. —Zsadist levantou uma de suas mãos como se quisesse esfregar os olhos, mas franziu o cenho, dando-se conta, evidentemente, que não poderia devido às bandagens—. Estava feliz por você.

—Mas depois de me alimentar, sentou-se junto à incubadora e estendeu a mão para ela. Até sorriu quando se virou em sua direção. Havia amor em seu rosto, não só alívio. O que mudou? — Como viu que ele hesitava, ela disse— Estou disposta a lhe dar mais tempo se isso for o que precisa, mas não pode me excluir do processo. O que aconteceu?

Z olhou fixamente para cima, para a grade de luz cirúrgica que estava pendurada sobre ele e houve um longo silêncio, um tão longo que Bela pensou que talvez tivessem batido em um muro insuperável.

Mas logo uma única e grossa lágrima se formou na extremidade de seu olho esquerdo.

—Ela está comigo em meus sonhos.

As palavras foram ditas em voz tão baixa que Bela teve que assegurar-se que tinha ouvido bem.

—Desculpe?

—O sonho que tenho no qual ainda estou com a Ama. Nalla... ela está na cela. Posso ouvi-la chorando quando a Ama vem me buscar. Tento forçar as algemas para me soltar... para poder protegê-la... libertá-la... deter o que vai ocorrer. Mas não posso me mover. A Ama vai encontrar a menina. —Seus olhos atormentados se moviam de um lado para outro—. A Ama vai encontrá-la, e por minha culpa Nalla está na cela.

—OH... meu amor... OH, Z. —Bela ficou de pé e agasalhou a parte superior de seu corpo com o dela, abraçando-o brandamente—. OH... Deus... e tem medo que a Ama a mate...

—Não. —Z aclarou a garganta uma vez. Logo outra. E outra. Seu peito começou a agitar subindo e baixando—. Fará com que Nalla olhe... o que me fazem. Nalla terá que observar...

Zsadist lutou para conter suas emoções, logo perdeu a luta e deixou-se chorar com as ásperas e poderosas explosões de um macho.

—Ela terá que... observar seu... pai ser...

A única coisa que Bela pôde fazer foi apertá-lo com força e molhar sua bata de hospital com suas próprias lágrimas. Tinha consciência de que o que lhe ocorria era ruim. Mas não tinha nem idéia de que era tão ruim.

—OH, meu amor —disse, enquanto ele a rodeava com seus braços e levantava a cabeça para enterrar o rosto em seu cabelo—. OH, meu amor querido...

“Nota da tradutora (versão espanhola)”:

“Aos mais detalhistas não vai fechar o tema dos meses de gestação.

Disse que está no nono dos dezoito habituais, e logo diz que não sabia como suportaria mais sete meses, o que por mais que contemos com os dedinhos só nos dá dezesseis e não dezoito... mas assim vem no livro.

E fez mais uma mudança do adiantamento desta cena que deixou em Amante Consagrado sobre o qual escreveu no Guia.

Em Amante Consagrado disse que estava no décimo primeiro mês dos dezoito considerados normais.

O que eu presumo que ocorreu é que mudou o parágrafo onde diz que está no décimo primeiro mês e pôs que estava no nono, por uma questão de que os tempos não lhe fechavam bem... logo esqueceu mudar o segundo parágrafo modificando os sete restantes por nove.

Enfim não sei que vou fazer com este engano porque como é da autora, não cabe a mim corrigi-lo... mas se o esclareço aqui é para que os mais detalhistas não me saltem na cabeça dizendo “Paattyy aqui se equivocou na tradução” “Paaaatttyyyy as contas não me dão” e não é meu engano”.

Nota da Tradutora (versão Português BR): *De fato, ocorreu esse equívoco por parte da escritora. Vê-se claramente no original em inglês, e também foi uma dúvida minha. Mas como somos apenas tradutoras, não nos cabe alterar o texto, mesmo que este, contenha algum equívoco. Aqueles que tiverem dúvidas, peço que consultem a versão original em inglês. (A tradutora)*

Sete

Eram perto das cinco da tarde do dia seguinte quando finalmente Zsadist despertou. Sentia-se bem por estar em sua própria cama. O que não sentia tão bem era a tala que tinha na parte inferior da perna.

Girando sobre si mesmo, abriu os olhos e olhou Bela. Estava acordada e olhando-o fixamente.

—Como se sente? —perguntou.

—Bem. —Ao menos fisicamente falando. O resto dele, seu estado mental e emocional, já era questionável.

—Você gostaria de comer algo?

—Sim. Um pouquinho. —O que realmente desejava era permanecer deitado e perder-se no olhar de sua shellan durante um momento.

Bela se deitou de costas e ficou olhando o teto.

—Alegra-me que conversamos —disse ele. Embora odiasse seu passado com todas suas forças, faria tudo para evitar que ela se fosse, e se isso significava que tinha que conversar, não pararia de falar até que sua laringe deixasse de funcionar.

—A mim também.

Franziu o cenho, sentindo-a distante.

—No que pensa?

depois de um momento disse brandamente:

—Ainda me deseja?

Literalmente falando, teve que dar uma sacudida. Era impossível que estivesse lhe perguntando...

—Bom Deus, é obvio que a quero como shellan. A idéia que me deixe é simplesmente...

—Sexualmente, quero dizer.

Piscou, pensando na tremenda ereção que tivera na noite anterior...somente por observá-la se secar.

—Como poderia não desejar?

Voltou a cabeça para ele.

—Não se alimenta de mim e não me procura... bom, eu tampouco o tenho feito mas, quero dizer...

—Neste momento Nalla precisa mais de você.

—Mas você também... ao menos de minha veia. —Fez um gesto com a cabeça apontando o corpo dele—. Teria quebrado a perna se estivesse bem alimentado? Provavelmente não.

—Não sei. Atravessei um piso... e caí sobre cristais.

—Cristais?

—Um lustre.

—Deus...

Produziu-se um longo silêncio, e ele se perguntou o que ela queria que fizesse. Estaria abrindo uma porta para...?

Só ante a perspectiva de ter sexo, seu corpo despertou tão rápido como se ela fizesse soar um gongo com um tremendo golpe, desses que se toma impulso levando os braços para trás de seu ombro para descarregá-lo com força.

Exceto pelo fato de Bela ter permanecido em seu lugar. E ele permanecer no dele.

Quando o silêncio se estendeu, pensava no quão perto do abismo sem retorno estavam. Se não tomassem medidas para voltarem a se sintonizar...

Esticou-se através dos lençóis, tomou sua mão, e a guiou para seu corpo.

—Desejo-a —disse enquanto a punha sobre sua ereção. Ante o contato, deixou escapar um gemido e rodou os quadris, pressionando-se contra a palma de sua mão—. OH... Deus... senti sua falta.

O fato de Bela parecer surpreendida o envergonhou e o fez pensar nela no banheiro secando-se com a toalha. Agora se dava conta que quando se deteve para observar-se no espelho, estava inspecionando seu corpo... procurando defeitos que antes não estavam ali. E o motivo pelo qual se cobriu quando o viu, não foi porque não queria chamar sua atenção, mas porque estava segura de que ele já não se sentia atraído por ela.

Moveu sua mão para cima e para baixo sobre seu membro.

—Estou desesperado para tocá-la novamente. Por todas as partes.

Ela se aproximou mais dele, deslocando-se entre os lençóis.

— Você está?

— Como poderia não estar? É a fêmea mais perfeita que vi em toda minha vida.

— Mesmo depois de...

Lançou-se rapidamente para frente e pressionou seus lábios contra os dela.

— Especialmente depois. — retirou-se para que ela pudesse ler os seus olhos—. Você continua tão linda como a primeira vez em que a vi no ginásio há tantas noites e dias atrás. Naquele momento fez o meu coração parar... simplesmente o imobilizou dentro do meu peito. E o faz parar agora.

Ela piscou rapidamente, e ele beijou suas lágrimas.

— Bela... se eu soubesse, eu teria dito alguma coisa... feito alguma coisa. Simplesmente presumi que você sabia que para mim nada tinha mudado.

— Desde que Nalla nasceu, tudo foi diferente. O ritmo de minhas noites e meus dias. Meu corpo. Você e eu. Assim eu simplesmente presumi...

— Me sinto — gemeu, arqueando-se para ela —. Me sinto e saiba... OH, Deus.

Ela o sentiu, muito bem. Envolveu-o com ambas as mãos e acariciou de cima a baixo percorrendo sua dura longitude.

— Você gosta disto? — sussurrou.

Tudo o que ele pôde fazer foi assentir e gemer. Com ela o agarrando dessa forma, envolvendo-o com as palmas, acariciando-o, seu cérebro se fundiu.

— Bela... — estendeu as mãos enfaixadas, logo se deteve —. Maldita gaze...

— Eu tirarei isso de você. — Pressionou os lábios contra os dele—. E então poderá pôr as mãos onde quiser...

— Merda.

Ele gozou. Bem ali e naquele momento. Mas em vez de se sentir decepcionada, Bela simplesmente riu com a forma profunda e gutural de uma fêmea que sabe que está a ponto de ter sexo com seu macho.

Ele reconheceu o som. Amava-o. Sentia falta dele. Precisava ouvi-lo...

Do outro lado do quarto Nalla soltou um chorinho de pré-aquecimento que rapidamente ganhou força até se converter em um uivo a todo pulmão, de Eu-preciso-da-minha-mamãe-AGORA.

Bela sentiu como a ereção de Z se desinflava e estava bem consciente de que a causa não era porque acabava de se liberar. Era capaz de continuar sem parar durante quatro ou cinco orgasmos... e isso em uma noite normal, não depois de um período de seca de meses e meses.

— Eu sinto tanto — disse, olhando para o berço por cima de seu ombro, sentindo-se rasgada sem saber a quem atender.

Zsdist tomou seu rosto entre as mãos enfaixadas e a virou para ele.

— Vá se ocupar da menina. Eu ficarei bem.

Não havia nenhum tipo de censura em sua expressão nem em seu tom de voz. Mas nunca houve. Nunca estivera ressentido com Nalla; em todo caso se sacrificou também.

— Eu ficarei...

— Tome seu tempo.

Ela desceu da cama e foi para o berço. Nalla estendeu as mãozinhas e se acalmou um pouco... sobretudo quando a carregou.

Bem. Tinha a fralda molhada e estava faminta.

—Não demorarei muito.

—Não se preocupe. —Z se recostou contra os lençóis de cetim negro, seu rosto com cicatrizes já não tinha uma expressão faminta, seu corpo já não estava tenso.

Ela esperava que fosse devido ao orgasmo o fato de estar relaxado . Temia que fosse porque não pensava que ela retornaria logo.

Bela saiu em disparada para o quarto de bebês, fez uma rápida mudança de fraldas, logo foi para a cadeira de balanço e deu a Nalla o que necessitava. Enquanto sustentava seu bebê e se balançava, deu-se conta de como era verdadeiro o fato de que ter um bebê mudava tudo.

Incluindo o conceito de tempo.

As intenções que tivera de uma rápida alimentação de quinze minutos se converteu em a agitação de duas horas, regurgitação, alvoroço, alimentação, regurgitação, arroto, choro, mudança de fraldas, alvoroço, maratona de alimentação.

Quando finalmente Nalla se acalmou, Bela deixou cair a cabeça para trás contra a cadeira de balanço em um conhecido estado de esgotamento e satisfação.

O trabalho de mãe era maravilhoso, transformador, e um pouquinho viciante... e agora podia entender porque as fêmeas se centravam muito em seus frutos. Sentia-se completa cuidando deles e fazendo o que era adequado para eles. Também era a toda-poderosa como A Mãe. Quando se tratava de Nalla tudo o que dizia, ela fazia.

Entretanto o fato era, que sentia falta ser a shellan de Z. Sentia falta despertar com ele movendo-se em cima dela, quente e faminto. Sentia falta da sensação de presas afundando-se em sua garganta. Sentia falta da forma que esse rosto com cicatrizes se via depois de fazer amor, todo ruborizado e tenro, cheio de reverência e amor.

O fato de que fosse tão duro com todo o resto do mundo, incluindo os Irmãos, fazia com que sua doçura para com ela fosse ainda mais especial. Sempre tinha sido assim.

Deus, esse sonho que tinha. Não estava disposta a admitir que tinha mudado tudo entre eles, mas tinha mudado o suficiente para que agora, não estivesse disposta a deixá-lo. Só não estava segura do que viria a seguir. Z precisava de mais ajuda do que ela poderia dar. Necessitava a intervenção de um profissional, não só do amoroso apoio de sua companheira.

Talvez houvesse uma forma de Mary intervir. Tinha experiência como conselheira e o ensinara a ler e escrever. De nenhuma forma falaria com um estranho, mas com Mary...

Ah, inferno, não havia uma maneira de fazê-lo falar com a shellan de Rhage a respeito das idas e vindas de seu passado. As experiências foram terríveis demais e a dor ficara cravada profundamente. Além disso odiava se emocionar na frente de qualquer outra pessoa.

Bela se levantou e pôs Nalla no berço menor que havia no quarto de bebês... se por acaso Zsadist ainda estivesse na cama, nu e com ânimo...

Não estava. Estava no banheiro, e a julgar pelo chiado e o ruído da ducha, estava cortando o cabelo na ducha. Na mesinha ao lado da cama havia um par de tesouras e as ataduras que tivera nas mãos, e tudo o que lhe ocorreu foi que gostaria de ter feito isso por ele. Sem dúvida tinha esperado e esperado e esperado, e logo se deu por vencido, não só sobre o sexo mas também a respeito da ajuda. Provavelmente lutara para fazer funcionar as tesouras usando somente as

pontas de seus dedos livres... mas dada a hora que era, ou ele mesmo tirava a gaze ou ficaria sem a ducha antes de sair para lutar.

Bela se sentou na cama e se encontrou arrumando a abertura de seu roupão para que quando cruzasse as pernas permanecessem cobertas. Percebeu que esse era um ritual familiar, esperá-lo quando saía do banho. Quando Z terminasse de tomar banho e saísse com uma toalha envolta, falariam sobre nada enquanto se vestia dentro de seu armário. Logo depois que ele descesse para a Primeira Comida ela tomaria um banho e se vestiria em igual intimidade.

Deus, sentia-se pequena. Pequena comparada com os problemas que tinham e as exigências de sua filha e o fato de que desejava um amante como hellren, não um educado companheiro de quarto.

O golpe na porta a sobressaltou.

— Sim?

— Sou eu, a doutora Jane.

— Entre.

A Doutora colocou a cabeça por uma fresta da porta.

— Olá, está ele aqui? Pensei em tirar suas ataduras... OK, evidentemente vocês dois já se encarregaram dessa parte.

Embora a Doutora se equivocasse em sua conclusão, Bela manteve a boca fechada.

— Sairá logo da ducha. Pode tirar a tala?

— Suponho que sim. Por que não lhe diz para se encontrar comigo na sala de Primeiros Socorros e Fisioterapia quando estiver pronto? Estou trabalhando na expansão das instalações médicas, assim darei voltas por ali com meu cinturão de ferramentas.

— Eu direi.

Houve um longo momento no qual só ouvia o zumbido do barbeador e a ducha correndo no fundo.

A doutora Jane franziu o cenho.

— Está tudo bem, Bela?

Forçando um sorriso, levantou ambas as mãos em modo defensivo.

— Estou perfeitamente saudável. Não preciso que me examinem. Nunca mais.

— Nisso eu acredito. — Jane sorriu, logo olhou a porta do banheiro —. Escute... talvez devesse ensaboar as costas dele, se entende o que quero dizer.

— Esperarei por ele.

Fez-se outro silêncio.

— Posso fazer uma sugestão que é absolutamente impertinente?

— É difícil imaginar que possa ser mais impertinente do que já foi — disse Bela dando uma piscada.

— Falo sério.

— Está bem.

— Mantenha o berço principal de Nalla no quarto de bebês e deixe a porta entreaberta enquanto dorme ali. Compre um monitor para bebês para que possa escutá-la. — A doutora Jane olhou ao redor - Este é o quarto que compartilha com seu marido... precisa ser algo mais que uma “mami”, e ele precisa tê-la somente para ele um pouquinho todos os dias. Nalla estará bem e é importante que se acostume a dormir sozinha.

Bela olhou o berço. A idéia de tirá-la do quarto era estranha e irracionalmente aterradora. Como se estivesse lançando sua filha aos lobos. Exceto se quisesse mais que um companheiro de quarto, necessitariam o tipo de espaço que não tinha nada que ver com metros quadrados.

—Poderia ser uma boa idéia.

—Trabalhei com muitas pessoas que tiveram filhos. Os médicos gostam de procriar. Que posso dizer. Depois que nasce o primeiro, sempre há um período de adaptação. Não significa que haja algo de errado com o casamento, só quer dizer que devem forjar novos laços.

—Obrigado... sério, agradeço-lhe por isso.

A doutora Jane assentiu.

—Se precisar de mim sabe que sempre pode contar comigo.

Quando a porta se fechou, Bela foi para o berço e acariciou as fitas de cetim multicoloridas penduradas nas grades. Enquanto seus dedos se deslizavam apaticamente pelo comprimento, pensou na cerimônia de compromisso e em todo o amor que tinham compartilhado. Nalla sempre seria adorada nessa casa, cuidada, protegida.

Entrou em pânico por um momento, quando soltou os freios e começou a empurrar a cama infantil para o quarto de bebês... mas superaria. Tinha que superar. E compraria um monitor para bebês imediatamente.

Pôs o berço perto do que havia ali, no qual Nalla nunca dormia tão bem. Inclusive nesse momento a pequena tinha a fronte enrugada, e estava agitando os braços e as pernas, sinal de que logo iria despertar.

—Shhh, mahmen está aqui. —Bela levantou a menina e a pôs em seu lugar preferido. A bebê bufou e definitivamente gorjeou enquanto se acomodava e tirava a mãozinha através das grades, e agarrava a fita vermelha e negra de Wrath e Beth.

Isto era promissor. Uma respiração profunda e uma barriga cheia significavam um sono longo e reparador.

Ao menos Nalla não se sentia abandonada.

Bela voltou para seu quarto. O banheiro estava em silêncio, e quando colocou a cabeça pela porta, viu o vapor deixado no ar pela ducha e captou o aroma de xampu de cedro.

Foi embora.

—Mudou o berço?

Virou-se. Z estava de pé junto às portas duplas de seu armário, com as calças de couro postas e a camisa negra pendurada em sua mão. Seu peito, com a marca da Irmandade e os aros nos mamilos, brilhava com o resplendor da luz que se derramava sobre seus ombros.

Bela olhou novamente o lugar onde Nalla sempre dormira.

—Bom, este é... você sabe, nosso espaço. E... ah... ela estará bem no outro quarto.

—Tem certeza de que ficará bem com isso?

Se isso significava que poderia estar com ele como sua shellan?

—Nalla estará bem. Se precisar de mim está na porta ao lado da nossa, e durante o dia começou a dormir durante longos intervalos assim... sim, sinto-me bem a respeito disso.

—Está... segura?

Bela levantou o olhar para ele.

—Sim. Absolutamente segura...

Z atirou a camisa, se desmaterializou bem ao seu lado, e a atirou na cama, virtualmente derrubando-a. Seu aroma extasiante o deixou louco enquanto sua boca se apoderava da dela e seu

duro e pesado corpo a pressionava contra o colchão. Suas mãos foram rudes com a camisola, rasgando-a conforme ele puxou pelos dois lados para abrí-la. Quando seus seios ficaram expostos, lançou um profundo e baixo grunhido.

—OH, sim... — gemeu ela, tão desesperada quanto ele.

Colocou as mãos entre seus quadris unidos e quebrou uma unha ao desabotoar o botão e baixar o zíper de sua calça...

Z deixou escapar outro som animal quando sua ereção apareceu e caiu na mão dela. Retrocedeu e quase destroçou suas calças de couro ao tentar abaixá-las pelas pernas e fazê-las passar por cima da tala. Depois de lutar um momento, deixou-as ao redor de seus joelhos com um «à merda com elas».

Voltou a saltar sobre ela, terminou de rasgar sua camisola, e abriu suas coxas amplamente. Mas nesse momento se deteve, com um olhar de preocupação em seu rosto que ameaçava superar a paixão. Abriu a boca, com a clara intenção de lhe perguntar se estaria tudo bem para ela...

—Cale-se e entre dentro de mim —ladrou ela, agarrando-o pela nuca e enlaçando-o pelos quadris.

Rugiu e penetrou em seu centro, a intrusão foi como uma bomba que explodiu em seu corpo, as faíscas disparavam através de todo seu ser, prendendo seu sangue. Apertou com força seu traseiro enquanto os quadris dele a bombeavam até que a seguiu aonde ela já havia chegado, gozando massivamente com um espasmo que o fez se contrair até o torso.

Assim que terminou, ele atirou a cabeça para trás, despiu as presas e urrou como um grande gato.

Arqueando as costas contra o travesseiro, ela colocou a cabeça para o lado, oferecendo sua garganta para que ele...

Quando Zsadist a mordeu forte e profundamente, ela gozou novamente, e enquanto sugava sua veia, o sexo continuava. Era ainda melhor do que recordava, seus músculos e seus ossos se agitavam em cima dela, sua pele era muito suave, seu aroma extasiante a rodeava com aquela especial essência sombria.

Quando ele terminou de se alimentar e gozou... só Deus sabia quantas vezes... seu corpo ficou imóvel e lambeu sua garganta para fechar a ferida da mordida. As lentas e deliciosas carícias de sua língua fizeram com que voltasse a desejá-lo, e como se tivesse lido seu pensamento, virou sobre suas costas e a levou com ele, mantendo-os unidos.

—Monte-me —demandou, com os selvagens olhos amarelos cravados em seus seios.

Ela agarrou seus próprios seios onde ele tinha o olhar fixo e beliscou seus mamilos enquanto o montava lentamente. Seus gemidos e a forma que apertava seus joelhos com as mãos a faziam sentir mais formosa que qualquer palavra que pudesse dizer.

—Deus... senti sua falta —disse ele.

—Eu também. —Deixando cair as mãos sobre os ombros dele, inclinou-se e balançou os quadris com mais liberdade.

—Ah, merda, Bela... tome minha veia...

O convite foi aceito antes de que terminasse de fazê-lo e não foi mais suave do que ele. Seu sabor era espetacular, e mais intenso do que jamais fora. Desde o nascimento, cada vez que se alimentara fora algo... cortês. Mas isto era algo puro, um coquetel de champanhe de poder e sexo, não só nutrição.

—Eu te amo —suspirou ele enquanto ela se alimentava.

Fizeram amor por mais quatro vezes.

Uma vez na cama.

Duas vezes no chão no meio do caminho do banheiro.

E outra vez na ducha.

Logo se envolveram em grossas toalhas brancas e voltaram para a cama.

Zsadist a acomodou ao seu lado e beijou sua fronte.

— Todo aquele assunto sobre eu ainda me sentir atraído por você ficou esclarecido?

Ela riu, percorrendo com sua mão seus volumosos peitorais para logo descer para seu abdômen bem definido. Teria jurado que pôde sentir seus músculos vigorando-se debaixo de sua palma, seu corpo servindo-se do que tinha obtido da alimentação. O fato de que estivesse se fortalecendo devido a ela a fez sentir-se orgulhosa... mas mais que tudo, a fez sentir-se conectada a ele.

A Virgem Escriba fora muito inteligente ao criar uma raça que precisava alimentar-se de si mesma.

— E bem? Ficou claro? — Z virou-se para ficar sobre ela, seu rosto com cicatrizes esboçando um sorriso de sou-o-melhor —. Ou terei que voltar a lhe demonstrar isso?

Ela percorreu os fortes braços com as mãos.

— Não, acredito que ficou... Z!

— O que? — disse preguiçosamente enquanto abria caminho entre suas pernas outra vez —. Sinto muito. Não posso evitar. Ainda estou faminto. — Tocou sua boca com a dele tão brandamente como se fosse um suspiro —. Mmm...

Seus lábios desceram para o pescoço e acariciou com o nariz a marca da mordida, como se estivesse lhe agradecendo.

— minha... Mmm — grunhiu.

Sempre devagar, sempre suave... sua boca seguiu baixando, para seus seios. deteve-se sobre o mamilo.

— Estão sensíveis? — perguntou, esfregando a ponta com o nariz, e lambendo-o logo.

— Sim... — estremeceu quando soprou sobre o lugar onde logo tinha estado sua língua.

— Parecem. Todos avermelhados, intumescidos e lindos. — Teve tanto cuidado com seus seios, acariciando-os com as mãos e beijando-os delicadamente.

Quando desceu por seu estômago ela começou a acalorar-se e a ficar inquieta outra vez, e lhe sorriu.

— Sentiu falta meus beijos, amada companheira? Daqueles que eu gosto de dar entre suas coxas?

— Sim — sufocou-se enquanto a antecipação vibrava através de seu corpo. A julgar pelo erótico sorriso que tinha no rosto e o maligno brilho que tinha em seu olhar amarelo, voltava a ser mais uma vez, um macho com planos e uma agenda muito ampla.

Ele se elevou sobre os joelhos.

— Abra as pernas para mim. Eu gosto de observá-la... OH... merda... sim. — esfregou sua boca como se estivesse fazendo um pré-aquecimento —. Era disso que eu estava falando.

Juntou os ombros com força enquanto descia como um gato sobre uma tigela de leite... enquanto ela se comportava como uma ehros, brindando a si mesma, dando-se para ele e sua úmida e ardente boca.

—Quero ir devagar —murmurou contra seu centro enquanto ela gemia seu nome—. Não quero acabar com meu prêmio muito rápido.

Esse não seria um problema, pensou ela. Por ele, ela era um poço sem fundo...

Sua língua se deslizou dentro dela, penetrando-a ansiosamente, logo novamente voltou a ser suave, golpes lentos. Olhando para baixo ao longo de seu corpo, ela viu que ele estava observando-a com os brilhantes olhos cítricos... e como se tivesse esperando que o olhasse, começou a agitar a língua na parte superior de seu sexo para trás e para frente.

Observar como a ponta rosada acariciava sua pele voltou a lançá-la além dos limites.

—Zsadist... —gemeu, agarrando sua cabeça e impulsionando os quadris para cima.

Não havia nada mais delicioso que estar entre as pernas de sua shellan.

Não era só o sabor; eram os sons e os aromas e a forma que o olhava com a cabeça inclinada para um lado e os lábios rosados abertos para poder respirar. Era o suave centro de sua fêmea que se encharcava contra sua boca e a confiança que tinha para deixá-lo se aproximar tanto. Era tudo íntimo, sensual e especial...

E o tipo de coisa que poderia fazer eternamente.

Enquanto sua shellan deixava escapar o mais incrível dos gemidos e começava a ter um orgasmo, Zsadist subiu pelo seu corpo e entrou nela para sentir as contrações sobre seu membro.

Ele colocou sua boca em sua orelha enquanto gozava dentro dela.

—Você é tudo para mim.

Mais tarde, quando descansavam juntos, ficou olhando fixamente o abdômen dela por cima de seus seios e pensou em como era maravilhoso seu corpo em comparação ao dele. Suas curvas e sua força feminina tinham criado um novo ser, provera um lugar protegido para que ambos se unissem quimicamente e originassem uma vida.

Eles dois.

—Nalla... —sussurrou—. Nalla tem...

Sentiu ela ficar tensa.

—Tem o que?

—Nalla tem meus olhos. Não tem?

A voz de sua shellan se tornou suave e cautelosa, como se não quisesse afugentá-lo.

—Sim, ela tem.

Z pôs a mão sobre o estômago de Bela e riscou círculos sobre sua pele lisa, como ela tinha feito tantas vezes durante sua gravidez. Agora se sentia envergonhado de si mesmo... envergonhado por não ter tocado seu ventre nenhuma só vez. Estivera tão preocupado sobre o nascimento que a sua aparência arredondada lhe parecera uma ameaça para a vida de ambos, e não algo para se regozijar.

—Sinto muito —disse abruptamente.

—Por que?

—Teve que fazer tudo isto sozinha, não é verdade? Não somente nestes três últimos meses mas antes também. Quando estava grávida.

—Sempre estive ali por mim...

—Mas não para Nalla, ela era uma parte de você. É uma parte de você.

Bela levantou a cabeça.

—Também é uma parte de você.

Pensou nos grandes e brilhantes olhos amarelos da bebê.

— Às vezes também penso que pode ser que se pareça um pouco comigo.

— É quase idêntica à você. Tem seu queixo e suas sobrancelhas. E seu cabelo... — A voz de Bela começou a soar excitada, como se fizesse muito tempo que queria falar com ele a respeito de todos os detalhes das feições da bebê—. O cabelo dela será exatamente igual ao seu e de Phury. E viu suas mãos? Seus dedos indicadores são mais compridos que seus dedos anelares, iguais aos seus.

— Sério? — Merda, que tipo de pai era, que não sabia todas essas coisas.

Bom, isso era algo fácil de responder. Até esse momento não tinha sido nenhum tipo de pai.

Bela estendeu a mão.

— Vamos tomar uma ducha, e depois venha comigo. Deixe-me apresentá-lo a sua filha.

Z respirou fundo. Logo assentiu.

— Eu gostaria disso — disse.

Oito

Ao chegar à porta do quarto de bebês, Zsadist comprovou pela segunda vez se tinha a camisa apropriadamente colocada dentro das suas calças de couro.

Cara... amava o cheiro desse quarto. Essência de Limão Inocente era como o chamava em sua mente. Doce como uma flor, mas sem ser enjoativa. Pura.

Bela apertou sua mão e o guiou até o berço. Rodeada de fitas de cetim que eram maiores que ela, Nalla estava aconchegada de lado, seus braços e pernas recolhidos, seus olhos fechados com força como se estivesse se esforçando muito, muito, muito para permanecer adormecida.

No mesmo instante em que Z olhou por cima da borda do berço, moveu-se. Fez um pequeno ruído. Ainda adormecida esticou a mão, não em direção a sua mãe, mas para ele.

— O que ela quer? — perguntou como um idiota.

— Ela quer que a toque. — Quando não se moveu, Bela murmurou—, ela está acostumada fazer este tipo de coisa quando dorme... parece saber quem está ao seu redor e gosta que façam pequenas carícias nela.

Para sua shellan, o crédito absoluto, ela não o forçou a fazer nada.

Mas Nalla não estava contente. Sua mãozinha e seu bracinho estavam estirados para ele.

Z limpou a mão na frente de sua camisa, logo a esfregou um par de vezes para cima e para baixo sobre seu quadril. Quando a estendeu para adiante, seus dedos tremiam.

Nalla estabeleceu a conexão. Sua filha tomou seu polegar e o segurou com tanta força que ele sentiu uma agulhada de puro e claro orgulho percorrer seu peito.

— É forte — disse, suas palavras destilando aprovação por toda parte.

Junto a ele Bela emitiu um leve som.

— Nalla? — sussurrou ele enquanto se inclinava. Sua filha franziu os lábios e o apertou ainda mais forte.

— Não posso acreditar quanta força tem no punho. — Deixou que seu dedo indicador acariciasse brandamente o pulso de sua filha—. Suave... OH, Meu deus, ela é tão suave...

Nalla abriu os olhos. Ele olhou dentro do olhar fixo, de cor dourada, exatamente igual à sua, seu coração parou.

— Olá...

Nalla piscou, sacudiu seu dedo e o transformou: tudo parou quando moveu não só sua mão, mas também seu coração.

—É igual à sua mahmen —sussurrou—. Faz o mundo desaparecer para mim...

Nalla continuou movendo sua mão e gorjeou.

—Não posso acreditar na força de seu aperto... —levantou o olhar para Bela—. É tão...

As lágrimas caíam pelo rosto de Bela, e tinha os braços ao redor de seu peito como se tentasse não se quebrar em pedaços.

Seu coração voltou a se comover, mas por outro motivo.

—Venha aqui, Nalla —disse, alcançando sua shellan com a mão livre e apertando-a contra ele—. Venha aqui com seu macho.

Bela enterrou o rosto em seu peito e sua palma se encontrou com a dele.

Enquanto Z permanecia ali, segurando ambas, sua filha e sua companheira, sentia-se como um gigante, mais veloz que sua Carreira e mais forte que um exército.

Seu peito se agitava com renovado propósito. Eram ambas dele, as duas. Dele e só dele, e deveria cuidar delas. Uma era seu coração e a outra um pedaço de si mesmo, e o completavam, preenchendo vazios que não sabia que existia.

Nalla olhou seus pais e o mais adorável dos sons saiu de sua boca, uma espécie de, “Bom, isto não é encantador, a forma como solucionaram as coisas”.

Mas então sua filha estendeu a outra mão... e tocou a faixa de escravo de seu pulso.

Z ficou rígido. Não pôde evitar.

—Ela não sabe o que são —disse brandamente Bela.

Ele inspirou fundo.

—Saberá. Algum dia saberá exatamente o que são.

Antes de descer para ver a doutora Jane, Z passou mais tempo com suas damas. Pediu um pouco de comida para Bela, e enquanto a preparavam observou pela primeira vez como sua filha se alimentava. Nalla dormiu imediatamente depois, com um perfeito senso de oportunidade, já que Fritz acabara de chegar com a comida. Z alimentou sua shellan com sua própria mão, sentindo um prazer enorme ao escolher as melhores partes do peito de frango, os enroladinhos caseiros e os pedaços de brócolis para ela.

Quando o prato ficou limpo e o copo de vinho vazio, limpou a boca de Bela com um guardanapo de damasco enquanto ela fechava as pálpebras. Depois de agasalhá-la, beijou-a, recolheu a bandeja, seu shitkicker esquerdo e saiu.

Quando fechou a porta silenciosamente, e o trinco emitia um estalo, estava resplandecente de alegria. Suas fêmeas estavam alimentadas, adormecidas e a salvo. Tinha completado com seu trabalho.

Trabalho? Melhor dizer: missão na vida.

Olhou para a porta do quarto de bebês e se perguntou se, como macho, vincularia-se aos seus filhos ou não. Ele sempre ouvira dizer que era somente com sua shellan... mas estava começando a sentir sérios instintos protetores em relação à Nalla. E ainda nem sequer a tinha carregado. Dar a ele duas semanas para se tornar familiar para ela? Estava sujeito a tornar-se uma bomba H se algo a ameaçasse.

Era isso que significava ser pai? Não sabia. Nenhum de seus irmãos tinha filhos e não imaginava a quem mais poderia perguntar.

Dirigindo-se para as escadas, coxeou ao longo da sala das estátuas, bota, tala, bota, tala, bota, tala... e enquanto caminhava olhava seus pulsos.

No andar de baixo levou os pratos para a cozinha e agradeceu Fritz, logo foi para o túnel que levava ao centro de treinamento. Se a doutora Jane tivesse se cansado de esperá-lo, ele mesmo cortaria a tala.

Saindo pelo armário do escritório, ouviu o ruído agudo de uma serra de mesa e seguiu o chiado até o ginásio. No caminho pensava que tinha muita vontade de ver como estava indo a nova clínica de Jane. Os três lugares para tratamento que estavam sendo construídos em um dos auditórios do complexo, foram desenhados para funcionar tanto como salas de cirurgia ou reservados para pacientes, e os equipamentos seriam de última geração. A doutora Jane estava investindo em equipamentos de TAC, raios x e tecnologia de ultra-som assim como também em um sistema de registros médicos eletrônico e um servidor de instrumentos cirúrgicos de alta tecnologia. Com uma sala de fornecimentos digna de um departamento de emergência totalmente funcional, a meta era evitar que a Irmandade utilizasse a clínica de Havers.

Isso era mais seguro para todos. Graças à V, o complexo da Irmandade estava rodeado de mhis, mas não poderia dizer o mesmo do lugar onde exercia Havers... como ficara demonstrado no verão anterior quando a clínica fora saqueada. Considerando que os Irmãos poderiam segui-los a qualquer momento, o mais prudente era manter a maior parte das coisas que os envolvesse dentro de casa.

Z abriu uma das portas de metal do ginásio e se deteve. Bom, wow. Evidentemente a doutora Jane tinha uma Construtora de Casas Extrema nela.

Ontem à noite, quando trouxeram Z na maca, tudo estivera igual ao de sempre. Agora, menos de vinte e quatro horas depois, um buraco de cerca de quatro metros por dois fora aberto na parede de blocos de cimento que havia ao outro lado da sala. Através da abertura podia se ver o auditório que seria remodelado, e bem à frente ao buraco, a companheira de V estava cortando com a serra uma tábua de madeira de dois por quatro, suas mãos apareciam sólidas, o resto dela transparente como um fantasma.

Quando viu Z, deixou a tábua e desligou a máquina.

—Hey! —gritou enquanto se desvanecia o estrondo—. Está preparado para tirar essa tala?

—Sim. E obviamente é boa com uma serra.

—Será melhor que pense assim. —Sorriu e lhe apontou o buraco—. Então, você gosta da minha decoração de interiores?

—Você não bobeia.

—O que posso dizer? Os martelos de alvenaria são o máximo.

—Estou preparado para a tábua seguinte —gritou V do auditório.

—Está pronta.

V entrou usando um cinturão de ferramentas com um martelo e vários pincéis. Enquanto se aproximava de sua fêmea, disse:

—Hey, Z Como está sua perna?

—Estará melhor quando a doutora Jane tirar o peso morto. —Z fez gestos com a cabeça. —Cara, estiveram trabalhando duro aqui.

—Sim, cuidaremos do amadeiramento esta noite.

A doutora Jane entregou a tábua ao seu macho e lhe deu um beijo rápido, seu rosto tornando-se sólido diante do contato.

— Voltarei logo. Só vou retirar a tala dele.

— Sem pressa. — V saudou Zsadist com a cabeça —. Você parece bem. Me alegro.

— Sua fêmea é uma fazedora de milagres.

— Isso ela é.

— OK, chega desse lance de ego, rapazes. — Sorriu e voltou a beijar seu companheiro —. Vamos, Z. Vamos tirá-la.

Quando ela se virou, os olhos de V seguiram seu corpo... o que sem dúvida significava que assim que Zsadist se fosse, a nova clínica não seria a única coisa que receberia atenção.

Quando a doutora Jane e Z chegaram à sala de Primeiros Socorros e Fisioterapia, ele entrou e subiu na maca de um salto.

— Pensei que talvez quisesse usar essa serra em mim.

— Não. Em sua linhagem já há uma pessoa com uma perna a menos. Dois seria um exagero. — Seu sorriso era amável —. Sente dor?

— Não.

Fez rodar uma máquina de raios x portátil.

— Levante a perna... perfeito. Obrigado.

Quando ela se aproximou com uma placa de chumbo, ele o tirou de suas mãos e colocou em cima dele.

— Posso lhe perguntar algo? — disse ele.

— Sim. Mas primeiro me deixe acabar com isto. — Ajustou a lente da máquina e tirou uma foto, um curto zumbido se elevou dentro da sala. Depois de olhar a tela do computador, disse-lhe — De lado, por favor.

Virou e girou sua perna. Logo depois de outro rápido zumbido e outro olhar no monitor, disse:

— OK, pode se sentar. A perna está genial, assim vamos liberá-lo da notável criação de gesso que fiz.

Entregou-lhe um lençol e se virou enquanto ele tirava as calças de couro. Logo trouxe uma serra de aço inoxidável e cuidadosamente começou a trabalhar sobre a tala.

— O que queria me perguntar? — disse acima do zumbido, enquanto trabalhava.

Z esfregou a faixa de escravo do pulso esquerdo, logo estendeu o braço para ela.

— Realmente pensa que posso me liberar disso?

Jane fez uma pausa, com a serra ainda ligada, sem dúvida ordenando seus pensamentos não só do ponto de vista médico mas também do pessoal. Fez um ruído, como uma espécie de “huh”, e rapidamente terminou de serrar o gesso.

— Quer limpar sua perna? — perguntou, oferecendo à ele um pano molhado.

— Sim. Obrigado.

Depois que ele terminou rapidamente de se limpar, a doutora deu algo para se secar.

— Importa-se se eu olhar sua pele de perto? — disse, apontando seu pulso. Quando ele negou com a cabeça, inclinou-se sobre seu braço.

— A remoção de tatuagens com laser é comum entre os humanos. Não tenho a tecnologia necessária aqui, mas se estiver tudo bem para você, tenho uma idéia de como poderíamos fazer a tentativa. E de quem poderia fazê-la.

Olhou fixamente para baixo, para a faixa negra e pensou na mãozinha de sua filha contra a densa tinta negra.

—Eu acho... sim, eu acho que quero tentar.

Quando Bela despertou, e se espreguiçou em sua cama de casal, sentia-se como se tivesse estado de férias durante um mês. Sentia o corpo renovado e forte... assim como dolorido em todos os lugares adequados. E apesar da ducha que tomou mais cedo, o cheiro de Z permanecia em toda sua pele, e por acaso isso não era absolutamente perfeito?

Pelo que dizia o relógio da mesinha, dormira duas horas, assim que se levantou, vestiu o roupão e escovou os dentes pensando que seria uma boa idéia comprovar como Nalla estava e logo tomar um pequeno aperitivo. Estava a caminho para o quarto de bebês quando Z entrou.

Não pôde evitar de sorrir radiantemente.

—Você tirou a tala.

—Mmm-hmmm... venha aqui, fêmea. —aproximou-se dela, envolveu-a em seus braços, e a inclinou para trás de forma que ela teve que aferrar-se em seus braços para manter-se erguida. Beijou-a lenta e longamente, esfregando a parte inferior de seu corpo e a enorme ereção contra a união de suas coxas.

—Senti saudade —ronronou contra sua garganta.

—Acaba de me ter faz duas horas...

Silenciou-a introduzindo a língua dentro de sua boca, e também movendo suas mãos que foram terminar sobre seu traseiro. Levou-a para o batente de uma das janelas, sentou-a na moldura, abriu seu zíper, e...

—OH... Deus —gemeu com um sorriso.

Agora este... este era o macho que conhecia e amava. Sempre faminto dela. Sempre querendo estar perto. Quando começou a mover-se lentamente dentro dela, recordou como fora ao princípio, depois de finalmente se abrir para ela. Ela ficara surpresa do quanto desejava sua proximidade, fosse durante as refeições, ou quando estavam com os Irmãos ou durante o dia quando dormiam. Era como se estivesse tentando compensar os séculos que não tivera um contato quente e afetuoso.

Bela rodeou seu pescoço com os braços e apoiou a bochecha contra sua orelha, a suavidade como a de um bebê da cabeça raspada acariciava seu rosto quando se movia.

—Eu vou... precisar da sua ajuda —disse enquanto empurrava para adiante e logo se retirava.

—Qualquer coisa... apenas não pare...

—Nem... sonharia... com isso... —o resto do que disse se perdeu quando o sexo tomou o controle—. OH, Deus... Bela!

Depois que terminaram, seu macho se retirou um pouquinho, com os olhos cítricos brilhando como champanhe.

—A propósito... olá. Esqueci dizer isso quando entrei.

—OH, penso que sua forma de me saudar foi muito boa, muito obrigado. —Beijou-o na boca—. Agora... ajuda?

—Vamos arrumá-la um pouco —disse arrastando as palavras, o brilho de seu olhar amarelo lhe indicava que essa arrumação poderia levá-la bem mais a uma enrascada.

O que certamente ocorreu.

Quando ambos se saciaram e ela tomou uma terceira ducha, envolveu-se no roupão e começou a secar os cabelos com uma toalha.

— Agora, para que precisa da minha ajuda?

Z se apoiou contra a bancada de mármore que estava junto aos lavatórios, passou a palma da mão pela cabeça raspada, e ficou mortalmente sério.

Bela deixou o que estava fazendo. Como continuava calado, retrocedeu e se sentou sobre a borda da jacuzzi para lhe dar um pouco de espaço. Aguardou, com as mãos abrindo e fechando sobre seu colo.

Por alguma razão, enquanto ele permanecia ali ordenando suas idéias, se deu conta de que fizeram muitas coisas nesse banheiro. Foi naquele lugar onde o encontrara vomitando logo depois de excitá-la pela primeira vez naquela festa. E depois... depois que a resgatou dos lessers, tinha banhado-a nessa cuba. E na ducha que ficava do outro lado se alimentou dele pela primeira vez.

Pensou naquele difícil período de suas vidas, em que ela acabava de sair de um seqüestro e ele lutava contra a atração que sentia por ela. Olhando para a direita, recordou quando o encontrara de pé sobre os ladrilhos debaixo de uma ducha gelada, esfregando os pulsos, porque acreditava ser impuro e incapaz de alimentá-la.

Ele mostrou ter muita coragem. Superar o que fizeram com ele o suficiente para confiar nela, precisou de muita coragem.

Os olhos de Bela se voltaram para ele, e quando se deu conta de que estava olhando seus pulsos, disse:

— Você tentará retirá-las, não é?

Sua boca se curvou formando um meio sorriso, elevando o lado deformado pela cicatriz.

— Você me conhece tão bem.

— Como fará? — Quando terminou de lhe explicar, ela assentiu —. É um plano excelente. Eu o acompanharei.

Olhou-a.

— Bom. Obrigado. Não acredito que pudesse fazer isso sem você.

Bela ficou de pé e se aproximou dele.

— Você não terá que se preocupar com isso.

Nove

O Dr. Thomas Wolcott Franklin III tinha o segundo melhor escritório do complexo do Hospital St. Francis.

Quando se tratava da qualidade administrativa quanto aos bens imóveis, a ordem hierárquica determinava os ganhos, e como chefe de dermatologia, T.W. estava abaixo somente de outro chefe de Departamento.

Certamente, o fato de seu departamento ser tão lucrativo era porque ele “o vendia” como sustentavam os firmes acadêmicos. Sob sua liderança, a dermatologia não só se encarregava de lesões, câncer, queimaduras e enfermidades crônicas da pele, tais como psoríase, eczemas e acne mas também tinha uma subdivisão inteira dedicada somente a intervenções cosméticas.

Liftings faciais. Liftings de sobrancelhas. Melhoramento de busto. Lipoaspirações. Botox. Restylane. E outras cem cirurgias restauradoras. A medicina estética por razões de saúde era um serviço particular praticado em moldes acadêmicos, e os clientes enriquecidos amavam o conceito. A maior parte deles provinha da Grande Maçã... a princípio faziam a viagem pelo anonimato, obtinham tratamentos de primeira classe fora do estreito círculo da comunidade de cirurgiões

plásticos de Manhattan, mas logo, perversamente, pelo status. Ter um “trabalho” feito no Caldwell estava na moda, e graças a essa tendência, somente o chefe de cirurgia, Manny Manello, tinha um escritório com uma melhor vista.

Bem, o banheiro privativo de Manello também tinha mármore no chuveiro não só nas bancadas e as paredes, mas realmente, era ele que notava.

T.W. gostava da sua vista. Gostava de seu escritório. Amava seu trabalho.

O que era bom, já que seus dias começavam às sete e terminavam —consultou o relógio— quase às sete.

Não obstante, essa noite, já deveria ter ido. T.W. tinha jogos de raquetebol programados para todas as noites de segunda-feira às sete horas no Clube Caldwell Country ... assim ficou um pouco confuso pelo fato de ter concordado em ver um paciente a essa hora. De alguma forma concordara e pedira para sua secretária encontrar alguém para substituí-lo na quadra de esportes, mas jurava por sua própria vida, que não podia se recordar dos porquês e das pessoas pelas quais o fizera.

Pegou a folha impressa da sua agenda, do bolso do peito de seu jaleco branco e sacudiu a cabeça. Bem ao lado das sete em ponto estava o nome de B. Nalla e as palavras cirurgia corretiva com laser. Merda... não tinha nenhuma lembrança de como foi feito o compromisso ou de quem era a pessoa ou de quem tinha dado as referências... mas nada entrava nessa tabela de horários sem seu consentimento.

Assim devia ser algo importante. Ou o paciente de alguém importante.

Era evidente que estava trabalhando muito.

T.W. logou-se no sistema eletrônico de registros médicos e fez uma nova busca de B. Nalla. O resultado mais próximo era Belinda Nalda. Erro de digitação? Poderia ser. Mas sua secretária saiu às seis, e lhe parecia falta de educação interrompê-la enquanto estava jantando com sua família somente por um que-merda-é-esta?

Levantou-se, checkou sua gravata e abotoou o jaleco branco, logo pegou alguns documentos para revisar enquanto esperava que B. Nalla ou Nalda chegasse.

Enquanto saía do último andar do departamento onde havia uma série de escritórios e áreas de tratamento, pensava na diferença que havia entre ali em cima e a clínica particular que estava no andar de baixo. Eram como o dia e a noite. Ali a decoração era pouco elegante, típica de um hospital, com carpetes escuros de baixa felpagem, paredes cor creme e muitas portas cor creme. As placas que estavam penduradas tinham molduras de aço inoxidável, e as plantas eram poucas e estavam bem dispersas.

Na parte de abaixo? Era o Spa da terra dos prestigiosos com serviço de recepção disponibilizados de forma luxuosa que as pessoas muito ricas esperavam: as salas de tratamento tinham TVs HD com tela plana, DVDs., poltronas, cadeiras, pequenos refrigeradores Sub-Zero com sucos de frutas estranhas, comidas que poderiam ser pedidas de restaurantes, e Internet sem fio para laptops. A clínica tinha inclusive um acordo recíproco com o Hotel Stillwell de Caldwell, a grande dama de aposentos cinco estrelas da parte norte do estado de Nova Iorque, para que os pacientes pudessem passar a noite ali depois de serem atendidos.

Excessivo? Sim. E se cobrava mais por isso? Absolutamente. Mas a realidade era, que os reembolsos do governo federal eram baixos, as seguradoras se negavam a aceitar seus serviços como procedimentos médicos necessários à direita e esquerda, e T.W. necessitava recursos para cumprir sua missão.

Prover aos ricos era a forma de fazê-lo.

O fato era que, T.W. impunha duas regras aos seus médicos e enfermeiras. Um, oferecer o melhor tratamento do maldito planeta com mão compassiva. E Dois, nunca rechaçar a um paciente. Jamais. Especialmente às vítimas de queimaduras.

Não importava quão caro ou quão longo fora o curso de tratamento para queimados, nunca dizia não. Especialmente às crianças.

Era visto como um vendido para a demanda comercial? Ótimo. Sem problema. Ele não se gabava a respeito do lado de oferecer cuidados gratuitos, e se seus colegas de outras cidades queriam retratá-lo como avarento, ele agüentaria o golpe.

Quando chegou aos elevadores, estendeu a mão esquerda, na qual tinha uma cicatriz, na qual lhe faltava o mindinho e tinha a pele frisada, e pressionou o botão para descer.

Faria o que fosse necessário para assegurar-se de que os que estivessem na mesma situação em que ele estivera, tivessem a ajuda que necessitassem. Alguém o fizera por ele, e isso fez toda a diferença em sua vida.

Desceu no primeiro andar, dobrou à direita e caminhou por um estreito corredor até chegar na entrada com painéis de mogno da clínica cosmética. Seu nome estava gravado com letras discretas sobre o vidro, junto aos nomes de sete de seus colegas. Não se mencionava qual especialidade médica era praticada lá dentro.

Os pacientes disseram-lhe que adoravam o ar de exclusividade, de só-para-membros que tinham.

Entrou utilizando um cartão magnético. A recepção estava em penumbra, e não devido à diminuição da iluminação depois do término do horário de atendimento ao público; as luzes brilhantes não favoreciam as pessoas de certa idade, fosse pré ou pós operatório, e além disso, a atmosfera reconfortante e tranquilizadora era parte do ambiente do Spa que estavam tentando recriar. O chão era de uma suave cor areia, as paredes eram de um alantador vermelho escuro, e no meio da área brilhava uma fonte em cor branca e creme com pedras marrom-claras.

—Marcia — gritou, pronunciando o nome MAR-see-ah, ao estilo europeu.

—Alo, Dr. Franklin — escutou uma suave voz vinda de trás, onde estava o escritório.

Quando Marcia apareceu dobrando a esquina, T.W. pôs a mão esquerda no bolso. Como sempre, ela parecia ter acabado de sair da Vogue com o cabelo negro penteado para trás e vestindo um traje negro feito sob medida.

—Seu paciente não chegou ainda — disse com um sorriso sereno—. Mas disponibilizei a segunda sala de aplicação à laser para você.

Marcia era uma mulher de quarenta anos perfeitamente retocada, que era casada com um dos cirurgiões plásticos, e era, até onde T.W. sabia, a única mulher do planeta além de Ava Gardner que podia usar batom de cor vermelho sangue e ainda assim parecer fina. Seu guarda-roupa era da Chanel, e a contrataram por um bom salário para que fosse a prova viva do excelente trabalho que a equipe realizava.

E o fato de que tivesse um aristocrático sotaque francês era um benefício extra. Particularmente quando se tratava dos novos ricos.

—Obrigado — disse T.W.—. Se tivermos sorte o paciente chegará em seguida e assim poderá ir.

—Então não precisará de uma assistente?

Esse era outro aspecto bom de Marcia: Não era só decorativa; também era útil, uma enfermeira perfeitamente treinada que sempre estava disposta a ajudar.

— Eu agradeço a oferta, mas só envie o paciente para mim e eu cuidarei de tudo.

— Inclusive do cadastro?

Ele sorriu.

— Estou certo de que deseja chegar em casa para Phillippe.

— Ah, oui. É nosso aniversário.

Ele piscou para ela.

— Escutei algo sobre isso.

As bochechas dela se ruborizaram um pouco, o que era um de seus encantos. Podia ser elegante mas também era sincera.

— Meu marido... ele diz que devo me encontrar com ele na porta de entrada. Diz que tem uma surpresa para a esposa dele.

— Eu sei o que é. Você amará. — Mas qual mulher não gostaria de um par de pedras da Harry Winston ?

Marcia levou a mão à boca, escondendo um sorriso e sua súbita agitação.

— Ele é bom demais para mim.

T.W. sentiu uma momentânea pontada, e se perguntou quando fora a última vez que comprara algo frívolo e elegante para sua esposa. Fora... bom, no ano passado lhe comprara um Volvo.

Uau.

— Você merece — ele disse bruscamente, pensando por alguma razão no número de noites que sua esposa comera sozinha —. Assim por favor vá para casa celebrar.

— Irei, Doutor. Merci mille fois. — Marcia fez uma reverência e se dirigiu à mesa da recepção... que na realidade era somente uma mesa antiga com um telefone escondido na gaveta e um laptop que era acessado abrindo-se um painel de mogno —. Então sairei do sistema e receberei seu paciente.

— Tenha uma ótima noite.

Enquanto T.W. virava-se e a deixava radiante de felicidade, voltou a tirar a mão arruinada do bolso. Sempre a escondia quando estava com ela, era parte do que sobrou por ter sido um adolescente com a maldita coisa. Era tão ridículo. Estava felizmente casado e nem sequer se sentia atraído por Marcia, assim não deveria incomodá-lo em nada. Entretanto, as cicatrizes, deixaram feridas em seu interior, e como ocorria com a pele, não se curavam bem, de vez em quando ainda podia perceber as saliências ásperas.

Os três lasers que havia nas instalações da clínica eram usados para tratar varizes nas pernas, marcas de nascimento do tipo hemangioma, e imperfeições dermatológicas avermelhadas, assim como também para prover tratamentos de peeling para a face, e a remoção de marcas de direção tatuadas nos pacientes de câncer que tinham recebido radiação.

Era provável que B. Nalla necessitasse que fosse aplicado qualquer desses tratamentos... mas se ele fosse um homem que apostasse, ele apostaria no peeling cosmético. Simplesmente parecia ser o lógico... depois de horas, na clínica do andar de baixo, com um nome misterioso. Sem dúvida era outro dos muito ricos, com uma paralítica necessidade de reserva.

Ainda assim, devia respeitar os desejos das galinhas dos ovos de ouro.

Entrando na segunda sala de laser, que era sua preferida sem nenhuma boa razão para isso, sentou-se atrás da mesa de mogno e se logou no computador, revisando a lista de pacientes que atenderia na manhã seguinte e logo centrando-se nos informes de seus colegas dermatologistas que havia trazido com ele.

Quando começaram a passar os minutos começou a se sentir incomodado com as pessoas ricas, suas exigências, e suas visões de auto-importância do lugar que ocupavam no mundo. Claro... alguns deles eram legais, e todos eles ajudavam a financiar seus esforços, mas Cara... às vezes desejava estrangulá-los até lhes tirar os ares de grandeza...

Ficou congelado quando uma mulher de um metro e oitenta de estatura apareceu no vão da porta da sala. Estava vestida com simplicidade, com uma camisa branca engomada, colocada dentro das calças jeans ultra finas, mas nos pés tinha sapatos de solas vermelhas com salto agulha Christian Louboutin e em seu ombro pendurava um Prada.

Era exatamente seu tipo de clientela particular, e não só porque usava acessórios que valiam pelo menos três mil dólares. Era... indescritivelmente linda, com cabelo de uma profunda cor castanha, olhos cor safira e um rosto pelo qual outras mulheres estariam dispostas a submeter-se a uma intervenção cirúrgica só para consegui-lo.

T.W. ficou de pé lentamente, colocando sua mão esquerda profundamente no bolso.

—Belinda? Belinda Nalda?

Diferentemente de outras mulheres de sua classe, que era claramente estratosférica, não entrou na sala dançando como se fosse proprietária do lugar. Simplesmente deu somente um passo.

—Na realidade, é Bela. —A voz dela fez os olhos dele quererem rolar para dentro de sua cabeça. Profunda, rouca... mas amável.

—Eu, ah... —T.W. aclarou sua garganta—. Sou o Dr. Franklin.

Estendeu a mão sã e ela a estreitou. Enquanto se davam as mãos ele estava consciente de que estava olhando-a fixamente, e não de uma forma profissional, mas não podia evitar. Havia visto muitas mulheres bonitas, mas nada como ela. Era quase como se fosse de outro planeta.

—Por favor... por favor, entre e sente-se. —Indicou-lhe uma cadeira estofada de seda que estava perto da mesa—. Conseguiremos seu histórico médico e...

—Não sou eu que fará o tratamento. É meu hell... marido. —Respirou fundo e olhou por cima de seu ombro—. Querido?

T.W. arrastou-se para trás e golpeou a parede com tanta força que o quadro da pintura próxima a ele saltou violentamente. Seu primeiro pensamento enquanto olhava o que estava entrando, foi que talvez devesse aproximar-se do telefone para chamar a segurança.

O homem tinha cicatrizes no rosto e olhos negros de assassino em série, e quando entrou encheu toda a sala. Era o suficientemente grande e o suficientemente largo para classificar como boxeador de peso pesado, ou talvez dois deles juntos, mas Cristo, esse era o menor dos seus problemas pelo jeito que o encarava. Estava morto por dentro. Não tinha absolutamente nenhum tipo de sentimento. O que fazia dele ser capaz de qualquer coisa.

E T.W. poderia jurar que a temperatura da sala realmente baixou quando o homem ficou junto à sua esposa.

A mulher falou em voz baixa e calma.

—Viemos aqui para ver se as tatuagens podem ser removidas.

T.W. tragou com força e disse a si mesmo que deveria se controlar. OK, talvez este valentão era simplesmente uma variedade comum de estrela do punk-rock. O gosto de T.W. para música corria bem mais para o lado do jazz, assim não havia razão para reconhecer este tipo com as calças de couro, blusa negra de gola alta e o aro na orelha, mas isso explicaria as coisas. Incluindo o fato da sua esposa ser magnífica como uma modelo. A maioria dos cantores tinha mulheres lindas, não tinham?

Sim... o único problema com essa teoria era o olhar negro. Essa não era uma aparência elaborada, comercialmente viável de um tipo duro. Ali havia violência real. Verdadeira depravação.

—Doutor? —disse a mulher—. Há algum problema?

Voltou a tragar com força, desejando não ter dito para Marcia que fosse embora. Então outra vez, mulheres e crianças, e tudo isso. Provavelmente era mais seguro para ela não estar ali.

—Doutor?

Continuava simplesmente olhando o tipo... que não fez nenhum outro movimento além de respirar.

Demônios, se o grande bastardo quisesse, ele poderia ter destruído o lugar umas doze vezes até esse momento. Em vez disso? Simplesmente permanecia ali de pé.

E permanecia ali.

E... permanecia ali.

Finalmente, T.W. aclarou a garganta e decidiu que se tivesse problemas, já deveriam ter ocorrido.

—Não, não há problema. Vou me sentar. Agora.

Sentou-se na cadeira em frente da mesa, inclinou-se para o lado e abriu uma gaveta refrigerada que tinha variedades de garrafas de água gaseificada dentro.

—Posso lhes oferecer algo para beber?

Quando ambos disseram que não, abriu uma Perrier com limão e bebeu a metade em um gole como se fosse uísque.

—Certo. Preciso pegar o histórico médico.

A esposa se sentou e o marido permaneceu erguido junto a ela, com os olhos fixos em T.W. Não obstante era algo estranho. Estavam de mãos dadas e T.W. teve a impressão que de certa forma a esposa era o suporte do marido.

Apoiando-se em sua experiência, tirou sua caneta Waterman e fez as perguntas habituais. A esposa que respondeu: Não tinha alergias conhecidas. Nenhum procedimento cirúrgico. Nenhum problema de saúde.

—Ah... Onde estão as tatuagens? —Por favor, Deus, que não seja abaixo da cintura.

—Em seus pulsos e no pescoço. —Levantou o olhar para seu marido, com olhos luminosos—. Mostre para ele, querido.

O homem estendeu uma das mãos e levantou a manga. T. W. franziu o cenho, quando a curiosidade médica se apoderou dele. A faixa negra era incrivelmente densa, e embora nem de longe fosse um perito em tatuagens, podia assegurar cabalmente que nunca tinha visto antes uma coloração tão profunda.

—É muito escura —disse, inclinando-se para diante. Algo lhe disse que não deveria tocar no homem a menos que fosse necessário, e seguiu seus instintos, mantendo as mãos afastadas—. É muito, muito escura.

Eram quase como algemas, pensou.

T.W. reclinou-se na cadeira.

—Não estou seguro de que seja um bom candidato para a remoção à laser. A tinta parece ser tão densa que no mínimo irá requerer múltiplas sessões para diminuir consideravelmente a pigmentação.

—Você tentará, apesar de tudo? —perguntou a esposa—. Por favor?

T.W. arqueou as sobrancelhas. Por favor não era uma palavra que fizesse parte do vocabulário da maioria dos pacientes desse lugar. E seu tom de voz também foi igualmente estranho para esse local, seu desespero comedido era mais do tipo que poderia se encontrar nos familiares de pacientes que eram tratados no andar de cima... aqueles com problemas médicos que afetavam suas vidas, não só os pés-de-galinha e as rugas provocadas pelo sorriso.

—Eu posso tentar —disse, bem consciente de que se ela usasse esse tom de voz outra vez, poderia fazê-lo comer suas próprias pernas só para agradá-la.

Ela olhou para seu marido.

—Quer tirar a camisa e subir na mesa?

A esposa apertou a grande mão entre as dela.

—Está tudo bem.

O rosto de bochechas fundas, e mandíbula firme do marido se virou para ela, e pareceu extrair uma força tangível de seus olhos. Depois de um momento foi para a mesa, subiu seu enorme corpo em cima e tirou sua blusa.

T.W. levantou-se da cadeira e deu a volta...

Ficou congelado. As costas do homem estava coberta de cicatrizes. Cicatrizes... que pareciam ter sido deixadas por chicotadas.

Em toda sua carreira médica não tinha visto nada nem sequer parecido a isso... e sabia que foram deixadas por alguma espécie de tortura.

—Minhas tatoos, Doc —disse o marido com um tom desagradável—. Você supostamente deveria estar de olho nas minhas tatoos, muito obrigado.

Quando T.W. piscou, o marido sacudiu a cabeça.

—Isto não vai funcionar...

A esposa se levantou apressadamente.

—Não, vai funcionar. Vai...

—Vamos encontrar outra pessoa...

T.W. aproximou-se para enfrentar o homem, bloqueando o caminho para a porta. E então tirou deliberadamente a mão esquerda do bolso. O olhar negro baixou e se fixou na pele frisada e o dedo mindinho arruinado.

O paciente levantou o olhar surpreso; logo entrecerrou os olhos como se estivesse se perguntando até onde chegava a queimadura.

—Todo o caminho até meu ombro e desce pelas minhas costas —disse T.W.— Um incêndio na casa quando tinha dez anos. Fiquei preso no meu quarto. Estava consciente enquanto estava queimando... o tempo inteiro. Depois passei oito semanas no hospital. Fiz dezessete cirurgias.

Houve um momento de silêncio, como se o marido estivesse considerando as implicações em sua mente: se você estava consciente, deve ter sentido o cheiro de pele cozida e sentido cada golpe de dor. E o tempo no hospital... e as cirurgias...

Abruptamente todo o corpo do homem se abrandou, a tensão escoou dele como se uma válvula tivesse sido liberada.

T.W. tinha visto acontecer uma e outra vez com seus pacientes queimados. Se o seu médico sabia o que era estar do lado que você estava, não porque fora ensinado na escola de medicina, mas porque ele o vivenciara, sentia-se mais a salvo com ele: Ambos eram membros do clube exclusivo de tipos duros.

—Então, você pode fazer algo por essas coisas, Doc? —perguntou o homem, apoiando o antebraço sobre a coxa.

—Tudo bem se eu tocá-lo?

O lábio cicatrizado do homem se elevou levemente, como se acabasse de dar à T.W outro ponto em uma boa categoria.

—Yeah.

T.W. usou deliberadamente ambas as mãos para examinar os pulsos do paciente para dar ao tipo bastante tempo para observar as cicatrizes do seu médico e se relaxar ainda mais.

Quando terminou deu um passo para trás.

—Bom, não estou seguro de como isto vai sair, mas vamos dar o tiro... —T.W. levantou os olhos e parou. As íris do homem... estavam amarelas agora. Já não eram negras.

—Não se preocupe com meus olhos, Doc.

Saída de nenhuma parte, a idéia de que tudo estava bem com o que ele tinha visto, inundou seu cérebro. Certo. Sem. Problemas.

—Onde eu estava...? Ah sim. Bem, vamos dar o tiro com o laser. —virou-se para a esposa—. Talvez gostaria de aproximar uma cadeira e segurar a mão dele? Penso que dessa forma se sentirá mais confortável. Começarei com um pulso e veremos como fica.

—Eu tenho que me deitar? —disse o paciente sombriamente—. Porque eu não acho... yeah, eu posso não ficar legal com isso.

—Não necessariamente. Pode permanecer sentado, inclusive quando fizermos a parte do pescoço, e para essa parte lhe trarei um espelho, assim você poderá me observar. Em todos os momentos eu lhe direi exatamente o que estou fazendo, o que provavelmente sentirá, e sempre poderemos parar. Você simplesmente diz a palavra e acabou. Este é seu corpo. Você está no controle. Ok?

Houve um momento de silêncio durante o qual ambos ficaram olhando-o fixamente. E logo a esposa disse com a voz quebrada:

—Você, Dr. Franklin, é absolutamente adorável.

O paciente tinha uma tolerância à dor incrível, pensou T.W. uma hora depois enquanto pisava na alavanca do chão e o laser emitia outro fino raio vermelho sobre a pele tatuada do pulso grosso. Uma incrível tolerância à dor. Cada radiação era como ser golpeado por uma cinta de borracha, que não era grande coisa se isso fosse feito uma ou duas vezes. Mas depois de um par de minutos recebendo esses golpes, a maioria dos pacientes precisava descansar. Este tipo? Nunca recuou, nem sequer uma vez. Assim T.W seguiu e seguiu...

É obvio que com os mamilos perfurados dessa forma e o aro da orelha e todas as cicatrizes, obviamente estava intimamente familiarizado com a agonia, fosse por opção ou não.

Infelizmente suas tatuagens eram absolutamente resistentes ao laser.

T.W. deixou sair o fôlego com uma maldição e sacudiu a mão direita que estava se cansando.

—Está tudo bem, Doc —disse o paciente brandamente—. Você deu o seu melhor tiro.

—Eu só não entendo. —tirou o protetor dos olhos e olhou a máquina. Por um momento se perguntou se a coisa estava funcionando apropriadamente. Mas tinha visto o laser—. Não há nenhuma mudança na coloração depois de tudo.

—Doc, sério, está tudo legal. —O paciente tirou os óculos protetores e lhe sorriu um pouco—. Eu aprecio ter levado isso tão seriamente como levou.

—Maldição. —T.W. sentou-se direito no banco e olhou furioso a tinta.

Como saídas de nenhuma parte as palavras saltaram a sua boca, embora eram indiscutivelmente pouco profissionais.

—Não fez isso voluntariamente, não é?

A esposa se agitou, como se estivesse preocupada com a resposta que poderia dar. Mas o marido simplesmente sacudiu a cabeça.

—Não, Doc. Não fiz.

—Maldição. —Cruzou os braços e percorreu o conhecimento enciclopédico que possuía sobre a pele humana—.Eu simplesmente não entendo por que... e estou tentando pensar em outras opções. Não acredito que um procedimento químico pode ser mais eficaz. Quero dizer, você teve tudo o que o laser podia oferecer.

O marido passou os dedos curiosamente elegantes sobre seu pulso.

—Poderíamos cortá-las fora?

A esposa sacudiu a cabeça.

—Não acredito que essa seja uma boa idéia.

—Ela tem razão —murmurou T.W. inclinou-se para frente e afundou um dedo na pele—. Tem uma excelente elasticidade, mas de qualquer forma, como está nos vinte e tantos, isso era de se esperar. Quero dizer, teria que ser feito em tiras e costurar a pele para fechá-la. Isso lhe deixaria cicatrizes. E não recomendaria ao redor do pescoço. Correria muitos riscos com todas as artérias que há ali.

—E se as cicatrizes não representassem um problema?

Não iria tocar nessa questão. Obviamente as cicatrizes eram um problema, se tivesse em consideração as costas do homem.

—Não poderia recomendar.

Fez-se um longo silêncio enquanto continuava pensando no assunto e eles lhe davam espaço para isso. Quando chegou ao final de todas as opções possíveis, simplesmente ficou olhando fixamente para ambos. A linda esposa estava sentada junto ao marido de aspecto aterrorizante, com a mão apoiada em seu braço livre, e a outra sobre suas costas mutilada.

Era óbvio que as cicatrizes não afetavam o valor dele aos olhos dela. Ele estava inteiro e bonito para ela apesar da condição de sua pele.

T.W. pensou em sua própria esposa. Que era exatamente dessa forma.

—Sem idéias, Doc? —perguntou o marido.

—Eu sinto tanto. —Vagou o olhar pela sala, odiando a impotência que sentia. Como mérito fora treinado para fazer algo. Como ser humano com coração, precisava fazer algo—. Eu sinto muitíssimo.

O marido sorriu, com aquele pequeno sorriso dele novamente.

- Você trata de muitas pessoas com queimaduras, não é?
- É minha especialidade. Crianças, na maioria. Você sabe, por causa...
- Yeah, eu sei. Aposto que é bom com eles.
- Como poderia não ser?

O paciente se inclinou para frente e pôs a enorme mão sobre o ombro de T.W.

— Nós vamos cair fora agora, Doc. Mas minha shellan vai deixar seu pagamento sobre a mesa que está ali.

T.W. olhou para a esposa, que estava inclinada sobre uma caderneta de cheques, logo sacudiu a cabeça.

- Por que não deixamos assim? Isto realmente não o ajudou.
- Nah, ocupamos seu tempo. Nós pagaremos.

T.W. amaldiçoou em voz baixa um par de vezes. Então simplesmente cuspiu:

- Maldição.
- Doc? Olhe para mim agora?

T.W. lançou os olhos para o tipo. Cara... esse olhar amarelo era definitivamente hipnótico.

- Uau. Você tem olhos incríveis.

O paciente sorriu mais amplamente, reluzindo os dentes que... não eram normais.

— Obrigado, Doc. Agora escute. Provavelmente sonhará com isto, e quero que lembre que quando fui daqui estava bem, OK?

T.W. franziu o cenho.

- Por que eu sonharia...?

— Só recorde, eu estou Ok com o que aconteceu. Conhecendo você, isso é o que irá mais preocupá-lo.

- Eu ainda não entendo por que deveria...

T.W. piscou e vagueou os olhos pela sala. Estava sentado no pequeno banco com rodas que usava quando tratava dos pacientes, havia uma cadeira próxima à mesa dos pacientes, e tinha os óculos protetores na mão... mas na sala não havia ninguém além dele.

Estranho. Poderia jurar que acabara de falar com o mais incrível...

Como a dor de cabeça veio, esfregou as têmporas e repentinamente se sentiu exausto... exausto e curiosamente deprimido como se tivesse falhado em algo que era importante para ele.

E preocupado. Estava preocupado com um hom...

A dor de cabeça piorou, e com um gemido ficou de pé e foi para a mesa. Ali havia um envelope, um envelope liso cor creme com fluentes letras corridas: Em agradecimento a T.W. Franklin DOUTOR EM MEDICINA, para ser aplicado sob sua direção em favor dos bons trabalhos do seu departamento.

Virou, abriu a aba, e tirou o cheque.

Seu queixo caiu no chão.

Cem mil dólares. Feito em nome do Departamento de Dermatologia do Hospital St. Francis.

O nome da pessoa era Fritz Perlmutter, e não havia nenhum endereço na parte superior esquerda, só uma discreta anotação. Banco Nacional de Caldwell, Grupo de Clientes Privados.

Cem mil dólares.

A imagem de um marido com cicatrizes e uma esposa muito bonita flutuou em sua mente, logo foi enterrada pela dor de cabeça.

T.W. pegou o cheque e o deslizou dentro do bolso de sua camisa, logo desligou a máquina de laser e o computador e começou a caminhar para a saída traseira da clínica, apagando as luzes ao passar.

Em seu caminho para casa encontrou a si mesmo pensando em sua esposa, na forma que se comportou na primeira vez que o viu depois do incêndio que ocorrera todas essas décadas atrás. Ela tinha onze anos e fora visitá-lo com seus pais. Quando a viu cruzar a porta, sentira-se absolutamente mortificado porque já nessa época estava meio apaixonado por ela, e ali estava ele, preso em uma cama de hospital, e com um de seus lados coberto de ataduras.

Ela tinha sorrido para ele e segurado sua mão boa e lhe dissera que não importava o aspecto que seu braço tivesse, ainda queria ser sua amiga.

Ela falara à sério. E então, provara isto vezes e vezes seguidas.

Até gostou dele como mais que um amigo.

Às vezes, pensou T. W., o fato da pessoa pela qual você se importa não se importar com o seu aspecto era a melhor cura possível.

Enquanto dirigia, passou por uma joalheria que estava fechada por ser noite, e então por uma floricultura e então por uma loja de antiguidades na qual sabia que a sua esposa gostava de pesquisar.

Ela lhe dera três filhos. Quase vinte anos de casamento. E espaço para que trabalhasse em sua carreira.

Ele dera a ela montes de noites solitárias. Jantares somente com as crianças. Férias que se limitavam a um ou dois dias alinhavados entre conferências de dermatologia.

E um Volvo.

T.W. levou vinte minutos para chegar à um Hannaford que ficava aberto toda a noite, e correu para dentro do supermercado embora não houvesse um horário de fechamento para se preocupar.

O setor de floricultura ficava à esquerda das portas automáticas pelas quais ele acabava de passar. Quando viu as rosas, os crisântemos e as lilases pensou em entrar de marcha ré com o Lexus e encher o porta malas de buquês. E o banco traseiro.

Entretanto ao final, escolheu uma única flor, e a segurou cuidadosamente entre o polegar e o dedo indicador por todo o caminho até sua casa.

Estacionou na garagem, mas não entrou pela porta da cozinha. Em vez disso foi para a porta principal e tocou a campainha.

O rosto familiar e amável de sua esposa apareceu pela longa e estreita janela que emoldurava a entrada colonial de sua casa. Quando abriu a porta parecia confusa.

— Você esqueceu suas...

T.W. envolveu a flor com a mão queimada.

Era uma humilde margarida. Exatamente igual a que ela levava uma vez por semana quando estava no hospital. Durante dois meses seguidos.

— Eu não digo “obrigado” o bastante — murmurou T.W. —. Ou Eu te amo. Ou que eu ainda acho que você continua tão linda como no dia em que me casei com você.

A mão de sua esposa estava tremendo quando pegou a flor.

— T.W... você está bem?

— Deus... o fato de ter de perguntar isso só porque lhe trouxe uma flor... — sacudiu a cabeça e a abraçou, envolvendo-a firmemente —. Eu sinto muito.

A filha adolescente se aproximou deles e antes de dirigir-se para as escadas, revirando os olhos.

—Vão para o quarto.

T.W. retrocedeu e colocou o cabelo de um tom sal-e-pimenta atrás das orelhas dela.

—Acho que deveríamos seguir o aviso, o que me diz? E à propósito, nós iremos à algum lugar no nosso aniversário... e não será uma conferência.

Sua esposa sorriu e então definitivamente brilhou de alegria.

—O que deu em você?

—Esta noite vi um paciente e a sua esposa... —vacilou e esfregou as têmporas—. Quero dizer... O que eu estava dizendo?

—Que tal jantar? —disse sua esposa, acomodando-se ao seu lado—. E então veremos a respeito daquele quarto?

T.W. inclinou-se sobre sua esposa enquanto fechava a porta. Enquanto caminhavam juntos pelo corredor para a cozinha, beijou-a.

—Isso soa perfeito. Simplesmente perfeito.

Dez

De volta à mansão da Irmandade, Z ficou em frente à uma das janelas do quarto que compartilhava com Bela, e olhou para baixo, para o terraço e os jardins dos fundos. Os pulsos queimavam nas partes onde o laser fora aplicado, mas a dor não era ruim.

—Eu não estou surpreso pela coisa toda —disse—. Bem, além do fato que eu gostei do doc.

Bela se aproximou por trás e passou seus braços ao redor da cintura dele.

—Ele foi um bom tipo, não foi?

Enquanto permaneciam juntos ali, havia um monte de “e-agora...” flutuando pelo quarto. Infelizmente ele não tinha resposta alguma. De certo modo tinha contado que as faixas seriam removidas, como se isso pudesse, de alguma forma, tornar as coisas melhores.

Embora não fosse como se não houvesse ainda as cicatrizes em seu rosto.

Do quarto de bebês Nalla soltou um balbucio e logo um soluço. Seguido por um choro.

—Acabei de alimentá-la e trocá-la —disse Bela afastando-se—. Não estou certa do que se passa agora...

—Deixe-me ir até ela —disse com voz tensa—. Deixe-me ver se posso...

Bela arqueou as sobrancelhas, mas logo assentiu.

—OK. Ficarei aqui.

—Não a deixarei cair. Eu prometo.

—Sei que não deixará. Só tenha a certeza que você está segurando a cabeça dela.

—Certo. Entendi.

Quando entrou no quarto de bebês, Z sentiu como se estivesse entrando desarmado em um campo cheio de lessers.

Como se sentisse sua presença, Nalla soltou o ar com força.

—É seu papai. Pai. Papa. —Como ela o chamaria?

Aproximou-se e baixou o olhar para sua filha. Estava vestida com um macacão dos Rede Sox, sem dúvida presente de V e/ou Butch, e seu lábio inferior estava tremendo como se quisesse saltar da ponta do queixo mas tivesse medo da queda.

—Por que está chorando, pequena? —disse suavemente.

Quando ela levantou os braços para ele, checkou a porta. Bela não estava, e se alegrou. Não queria que ninguém visse o quanto era desajeitado quando estendesse os braços para o berço e...

Nalla encaixava perfeitamente entre suas mãos, seu traseiro em uma das palmas, a cabeça sustentada na outra. Quando se endireitou e a trouxe para cima, viu que era surpreendentemente firme e cálida e...

Ela agarrou a gola alta de sua blusa e se esticou para ele, exigindo proximidade... e agradá-la parecia surpreendentemente fácil. Quando a segurou contra seu peito, ela se acalmou imediatamente e virando-a, ajustou-a contra seu corpo.

Tê-la em seus braços foi algo muito natural. E também foi, dirigir-se para a cadeira de balanço, sentar-se e utilizar um de seus pés para ir para frente e para trás.

Olhando fixamente seus cílios, suas gordinhas e pequenas bochechas e o aperto mortal sobre seu pescoço, ele simplesmente entendeu o quanto ela precisava dele... e não só para protegê-la. Ela precisava dele para amá-la, também.

—Parece que faz isso há muito tempo —disse Bela calmamente da porta.

Ele elevou o olhar.

—Ela parece que gosta de mim.

—Como ela poderia não gostar?

Baixou o olhar para sua filha e depois de um momento disse:

—Teria sido genial se tivessem sido removidas. As tatoos. Mas ela ainda perguntaria sobre o meu rosto.

—Ela o amará de qualquer forma. Ela já o ama.

Passou o dedo indicador sobre o braço de Nalla, acariciando-a enquanto ela se aconchegava mais perto de seu coração e jogava patty-cake no dorso de sua mão livre.

De repente, ele disse:

—Não me falou muito sobre seu seqüestro.

—Eu... ah, não quis chatear você.

—Está me protegendo de coisas que poderiam me chatear muito?

—Não.

—Você tem certeza disso?

—Zsadist, se o faço, é porque...

—Não sou o bastante macho se não puder estar ali quando precisa de mim.

—Você sempre está ali por mim. E falamos algo sobre isso.

—Algo.

Deus, sentia-se como uma merda por tudo o que ela tivera que fazer sozinha, por culpa de sua cabeça fodida.

E apesar de tudo a voz dela foi firme e segura quando disse:

—No que se refere ao meu seqüestro, não quero que conheça cada pequeno detalhe do que ocorreu. Não porque você não pode agüentar, mas porque não quero dar àquele bastardo mais influência sobre a minha vida do que ele já teve. —Sacudiu a cabeça—. Eu não darei o poder à ele

de inquietar você, se posso evitar isso. Não vai ocorrer... e isso teria acontecido queira ou não você ter passado por algum tipo de experiência traumática.

Z emitiu um som em reconhecimento ao que ela lhe falara, mas não estava de acordo. Ele queria dar a ela tudo o que necessitava. Ela merecia nada menos que isso. E seu passado tivera um grande impacto sobre eles. Ainda tinha. Cristo, a forma que tratou Nalla foi...

—Posso lhe dizer algo em segredo? —disse ela.

—Claro.

—Mary quer um bebê.

Z arregalou os olhos de repente.

—Ela quer? Isso é genial...

—Um biológico.

—OH.

—Yeah. Ela não pode ter um próprio, assim Rhage terá que deitar-se com uma Escolhida.

Z negou com a cabeça.

—Ele nunca faria isso. Não estará com ninguém mais além de Mary.

—Isso é o que ela diz. Mas se ele não o fizer, ela não poderá sustentar um pedacinho dele em seus braços.

Yeah, porque a FIV não funciona com os vampiros

—Merda.

—Ainda não falou com Rhage sobre o assunto porque primeiro está analisando seus próprios sentimentos. Ela fala comigo, assim pode percorrer os picos e vales de suas emoções sem fazê-lo passar por uma centrífuga. Alguns dias deseja tanto um bebê, que pensa que poderá suportar. Outros dias simplesmente não pode tolerar a idéia em nenhum nível e pensa em adoção. O que quero dizer é que, você não pode trabalhar todas as coisas com o seu parceiro. E não deveria. Você esteve ali por mim depois. Está aí por mim agora. Nunca questiono isso. Mas isso não significa que tenha que arrastá-lo à essência da questão. A cura é um assunto de muitas facetas.

Ele tentou imaginar a si mesmo contando a Bela todos os pormenores do abuso que fora submetido... Não... de nenhuma forma queria quebrar o coração dela sobre o fodido pesadelo pelo qual passara.

—Você falou com alguém? —perguntou.

—Sim, no Havers. E falei com a Mary. —Houve uma pausa—. E retornei... ao lugar onde fiquei presa.

Levantou os olhos e fuzilou os dela.

—Retornou?

Ela assentiu.

—Tive que fazê-lo.

—Nunca me disse isso. —Foda, tinha retornado ali? Sem ele?

—Precisava ir. Por mim. Precisava ir sozinha e não queria discutir. Assegurei-me de que Wrath soubesse quando saí e quando retornei o informei imediatamente.

—Maldição... eu gostaria de ter tomado conhecimento. Faz eu me sentir como um hellren de merda.

—É tudo menos isso. Especialmente agora que está segurando sua filha da forma que está.

Houve um longo silêncio.

—Olhe —ela disse—, se isso ajuda, eu nunca senti que não poderia lhe dizer qualquer coisa. Nunca duvidei que suportaria e me apoiaria. Mas o fato de sermos duas metades não significa que eu não seja a minha própria pessoa.

—Eu sei... —ficou pensativo durante um minuto—. Eu não quis retornar aonde eu... àquele castelo. Se não fosse pelo fato de ela ter aprisionado outro macho nessa cela... eu nunca teria retornado.

E agora não poderia. O lugar onde fora aprisionado no Antigo País há muito tempo fora vendido a humanos, eventualmente terminando como propriedade do National Trust da Inglaterra.

—Você se sentiu melhor? —ele perguntou abruptamente—. depois de ver onde esteve?

—Sim, porque Vishous tinha pulverizado o lugar. O fechamento foi mais completo dessa forma.

Z esfregou distraidamente a redonda barriguinha de Nalla enquanto olhava fixamente sua shellan.

—Eu me pergunto por que nunca falamos disto antes.

Bela sorriu e apontou para a menina com a cabeça.

—Tivemos outras coisas que exigiram nossa atenção.

—Posso ser sincero? O cabeça de bagre em mim precisa acreditar que se você me quisesse para acompanhá-la àquele lugar, você sabe que eu o faria em uma batida de coração e ficaria firme por você.

—Eu absolutamente sei disso. Mas ainda assim quis ir sozinha. Não posso explicar... era algo que precisava fazer. Uma coisa de coragem.

Nalla olhou em direção à sua mãe, retorcendo-se para alcançá-la e acompanhando o movimento com um pequeno balbúcio de exigência.

—Acho que ela quer alguma coisa que só você pode lhe dar —disse Z com um sorriso enquanto se levantava da cadeira de balanço.

Ele e Bela se encontraram no meio do quarto. Enquanto faziam o intercâmbio, ele beijou sua shellan atrasando um pouco, com ambos abraçando a sua filha.

—Estou saindo, OK? —disse—. Não vai demorar.

—Cuide-se.

—Eu prometo. Tenho que cuidar das minhas garotas.

Zadist se armou e se desmaterializou para o oeste da cidade, para uma extensão do bosque morto na profundidade da área rural.

A clareira descoberta ficava a cerca de quinze metros adiante, ao lado de um riacho, mas no lugar da extensão vazia entre os pinheiros, descobriu uma construção de um quarto de madeira compensada no exterior e um telhado de zinco.

O que estava em sua mente era tão claro como as árvores que tinha ao seu redor e as estrelas do céu noturno que havia sobre ele. A instalação tinha sido construída pela Sociedade Lessening rapidamente e direcionado para ser temporário. O que foi feito no interior, entretanto, foram coisas permanentes.

Caminhou pela clareira, os ramos do chão do bosque se quebravam sob suas botas, recordando-o de um fogo calmo ardendo na chaminé.

Seus pensamentos eram tudo menos calmos e caseiros.

Depois que atravessou a porta da casa, havia um boxe para o chuveiro e um cubículo de pranchas de gesso com um sanitário. Durante seis semanas Bela se lavou no cubículo de um metro e vinte por um metro e vinte, e ele sabia que não estivera sozinha. Esse lesser bastardo observara-a. Provavelmente até a ajudara.

Merda, a idéia de algo como isso tivesse ocorrido o fazia querer perseguir o filho-da-puta outra vez. Mas Bela se encarregou da morte do assassino, não? Foi ela que deu o tiro na cabeça dele enquanto o bastardo estava de pé em frente a ela, cativado por seu amor doentio por ela...

Merda.

Sacudindo a si mesmo, Z imaginou que estava uma vez mais no quarto principal da casa. À esquerda havia uma parede com estantes onde havia ferramentas de tortura, dispostas sobre débeis prateleiras de madeira sustentados por rudimentares suportes. Cinzéis, facas, serrotes... podia recordar quão brilhantes tinham sido.

Ali também havia um armário a prova de fogo, do qual ele arrancara as portas.

E uma mesa para autópsias de aço inoxidável com sangue fresco nela.

Que ele tinha lançado para o canto como se fosse lixo.

Podia recordar perfeitamente como tinha irrompido na instalação. Tinha procurado Bela durante semanas depois que esse lesser irrompeu em sua casa para levá-la, todo mundo pensava que estava morta, mas ele se recusava a acreditar nisso. Sentira-se torturado pela necessidade de libertá-la... uma necessidade que até então não entendia mas não podia negar.

A fuga tinha surgido quando um vampiro civil tinha escapado desse «centro de persuasão», como a Sociedade Lessening os chamava, e tinha esboçado sua localização ao desmaterializar-se da clareira até aproximadamente noventa metros dentro do bosque. A partir do mapa que tinha desenhado para a Irmandade, Z tinha chegado até aqui procurando a sua fêmea.

A primeira coisa que tinha encontrado tinha sido um círculo de terra chamuscado frente à porta, e pensou que tinha sido Bela, que a deixaram ao sol. Ajoelhou-se e colocou sua mão no círculo de cinzas, e quando sua vista se tornou imprecisa não soube por que.

Lágrimas. Havia lágrimas em seus olhos. E havia se passado tanto tempo desde que chorara, que não reconheceria o que eram.

Voltando para presente, Z abraçou-se e caminhou à frente, suas botas passaram sobre a curto e escassa grama. Normalmente, depois que Vishous usava sua mão em algum lugar, não ficava nada exceto cinza e pequenos restos de metal, e isso tinha ocorrido ali. Com a vegetação rasteira da floresta já criando raízes, logo a clareira seria preenchida novamente.

Entretanto, os três tubos que estavam instalados no chão haviam sobrevivido. E continuariam existindo sem importar quantos brotos de pinheiros brotassem.

Ajoelhando-se, Z tirou seu Maglite e dirigiu o raio de luz para o buraco em que Bela estivera. Estava parcialmente cheio por agulhas de pinheiros e água.

Era Dezembro quando a encontrou na terra, e só podia imaginar o frio que a envolvera ali embaixo... o frio e a escuridão e o forte aperto do metal reforçado.

Quase perdera essas prisões escavadas na terra. Depois de ter lançado a mesa de autópsias através da sala, ouviu um gemido, e isso foi o que o atraiu até ali, a esses três tubos. Conforme ele tirava rapidamente a cobertura de rede de onde vinha o barulho, ele soube que a encontrara.

Exceto pelo fato de que não a encontrara. Quando retirou das cordas presas dentro do buraco, apareceu um macho civil, um macho que estava tremendo como um menino.

Bela estava inconsciente dentro de outro buraco.

Z recebeu um tiro na perna enquanto tentava libertá-la, graças à um sistema de segurança que Rhage tinha desativado apenas parcialmente. Não obstante, inclusive enquanto a bala rasgava sua perna, não sentira nada quando se inclinou, agarrou as cordas e atirou lentamente. A primeira coisa que viu foi o cabelo cor mogno de seu amor, e o alívio atordoante tinha sido como dormir coberto por uma nuvem cálida. Mas logo seu rosto se tornou visível.

Os olhos dela foram costurados fechados.

Z se levantou, o corpo enojado por essa lembrança, o estômago revolto, formando-se um nó na garganta. Depois cuidou dela. Banhou-a. Deixou ela alimentar-se dele apesar do fato de lhe dar a merda corroída que havia em suas veias levara-o a beira da histeria.

E também a servira em sua necessidade. Que foi como Nalla fora concebida.

Em troca? Bela lhe devolvera o mundo.

Zsadist jogou uma última olhada ao seu redor, não vendo a paisagem, mas a verdade. Bela podia ser menor do que ele e podia pesar quarenta e cinco quilos a menos e podia não estar treinada nas artes marciais e podia não saber atirar... mas era mais forte do que ele.

Tinha conseguido superar o que fizeram com ela.

Poderia o passado ser assim?- perguntou-se, vagueando o olhar pela clareira vazia. Uma estrutura em sua mente que você poderia incendiar e se libertar?

Moveu o pé de um lado a outro sobre o chão do bosque. As ervas daninhas que tinham crescido através da crosta da terra eram como bigodes verdes, e estavam concentrados na zona que obtinha mais luz do sol.

Das cinzas surgia nova vida.

Z tirou o telefone e redigiu um texto que nunca pensou que escreveria.

Ele levou quatro tentativas para fazer certo. E quando pressionou o enviar, soube que de algum jeito mudaria o curso de sua vida.

E você poderia fazer isso, não é?, pensou enquanto guardava o RAZR no bolso. Você poderia escolher alguns caminhos e outros não. Nem sempre, é obvio. Havia vezes em que o destino lhe conduzia diretamente para um lugar e deixava cair seu traseiro ali e isso era tudo.

Mas havia ocasiões que era capaz de escolher o endereço. E se tivesse metade de um cérebro, sem importar o quão difícil isso fosse ou quão estranho se sentisse, entraria na casa.

E encontraria a si mesmo.

Onze

Uma hora depois Zsadist estava na adega da mansão da Irmandade, sentado em frente à velha caldeira de carvão no porão. A maldita coisa era uma relíquia de 1900, mas funcionava tão bem que não havia razão para modernizá-la.

Além disso, ela requeria esforço para manter o carvão ardendo, e os doggen adoravam as responsabilidades rotineiras. Quanto mais tarefas, melhor.

A enorme barriga de ferro da caldeira tinha uma pequena janela na frente, feita de vidro temperado de várias polegadas de espessura, e do outro lado as chamas se moviam preguiçosas e cálidas.

—Zsadist?

Ele esfregou o rosto e não se virou ante o som familiar da voz da fêmea. A certo nível não podia acreditar no que estava a ponto de fazer, e o impulso de sair disparado estava destroçando-o.

Ele aclarou a garganta.

—Oi.

—Oi. —Houve uma pausa, e logo Mary disse: —É para mim essa cadeira vazia ao seu lado?

Agora se voltou para ela. Mary permanecia ao pé das escadas do porão, vestida como de costume, com calças cáquís e uma pólo. No pulso esquerdo usava um enorme Rolex de ouro, e pequenas pérolas em cada um de seus lóbulos.

—Yeah —disse ele—. Yeah, é... obrigado por vir.

Mary se aproximou, seus mocassins fizeram um suave som sobre o chão de concreto. Quando se sentou na cadeira de jardim, posicionou-a de forma à ficar de frente para ele e não de frente para a caldeira.

Ele esfregou a cabeça rapada.

Enquanto o silêncio serpenteava pelos arredores, uma corrente soprou avançando pelo caminho... no andar de cima alguém ligou a máquina de lavar pratos... e o telefone soou na parte posterior da cozinha.

Finalmente, porque se sentia como um idiota por não dizer nada, ele levantou um de seus pulsos.

—Preciso praticar o que vou dizer a Nalla quando ela perguntar sobre isso. Eu simplesmente... eu preciso ter algo preparado para dizer à ela. Algo que... é a coisa certa, sabe?

Mary assentiu lentamente.

—Sim, eu sei.

Ele voltou a se virar para a caldeira e se recordou queimando a cabeça da Ama ali dentro. Abruptamente, ele entendeu que isso era o equivalente à V pulverizando o lugar em que Bela fora machucada, não era? Você não pode queimar um castelo... mas houve uma espécie de limpeza pelo fogo todavia.

O que ele não tinha feito era a outra metade da cura.

Depois de um momento Mary disse:

—Zsadist?

—Yeah?

—O que são essas marcas?

Franziu o cenho e rapidamente voltou o olhar para ela, pensando, como se ela não soubesse? Mas então... bem, ela havia sido humana. Possivelmente não sabia.

—São faixas de escravo. Eu fui... um escravo.

—Doeu quando puseram isso em você?

—Sim.

—A mesma pessoa que cortou seu rosto fez isso em você?

—Não, o hellren de minha Ama fez isso. Minha Ama... ela pôs as faixas em mim. Ele foi quem cortou o meu rosto

—Por quanto tempo foi um escravo?

—Cem anos.

—Como se libertou?

—Phury. Phury me tirou. Foi assim que perdeu a perna.

— Você foi ferido enquanto foi um escravo?

Z tragou com força.

— Sim.

— Ainda pensa nisso?

— Sim. — Baixou o olhar para suas mãos, que de repente doíam por alguma razão. Oh, certo. Tinha formado dois punhos e estava apertando-os com tanta força que seus dedos estavam a ponto de se quebrar na altura dos nódulos.

— Ainda há escravidão?

— Não. Wrath a proibiu. Como presente de emparelhamento para mim e para Bela.

— Que tipo de escravo você foi?

Zsadist fechou os olhos. Ah, sim, a pergunta que não queria responder.

Durante algum tempo foi tudo o que ele pôde fazer para forçar-se a permanecer na cadeira. Mas então, com uma voz falsamente equilibrada, disse:

— Era um escravo de sangue. Fui usado por uma fêmea pelo sangue.

O silêncio que se fez depois do que falou abateu sobre ele, um peso tangível.

— Zsadist? Posso pôr minha mão em suas costas?

Sua cabeça fez algo que evidentemente foi um gesto de assentimento, porque a suave palma de Mary desceu brandamente por sua omoplata. Ela moveu em um lento e calmo círculo.

— Essas são as respostas corretas — ela disse —. Todas elas.

Ele teve de pestanejar rapidamente como o fogo na janela da caldeira ficou borrado.

— Você acha? — disse com voz rouca.

— Não. Eu sei.

Epílogo

Seis meses depois...

— O que está acontecendo aqui com todo esse barulho, preciosa?

Bela entrou no quarto de bebês e encontrou Nalla de pé em seu berço, com as mãos apertadas sobre a grade, o rostinho vermelho e apertado pelo pranto. Tudo tinha sido lançado ao chão: o travesseiro, as pelúcias, a manta.

— Novamente parece como se o mundo fosse acabar — disse Bela enquanto levantava nos braços a sua chorosa filha e olhava os escombros —. Foi algo que disseram?

A atenção só fez com que as lágrimas saíssem mais depressa e com mais força.

— Vamos, vamos, respire... isso lhe dará mais volume... OK, você acabou de comer, então sei que não tem fome. E está seca. — Mais alaridos —. Tenho o pressentimento que sei do que se trata...

Bela checkou o relógio.

— Olhe, nós podemos tentar, mas não sei se já é a hora.

Inclinando-se, levantou a mantinha rosada favorita de Nalla, envolveu a menina nela, e se dirigiu para a porta. Nalla se acalmou um pouco quando abandonaram o quarto de bebês e avançaram pela sala das estátuas para a magnífica escada. A viagem através do túnel para o centro de treinamento foi relativamente tranquilo... mas quando entraram no escritório e o lugar estava vazio, o pranto começou de novo.

—Espere, veremos se...

Fora, no corredor, um grupo de pre-trans saíam do vestiário e caminhavam em direção à área de estacionamento do centro. Vê-los era um bom sinal, e não só porque isso significava que provavelmente Nalla conseguiria o que estava procurando: depois dos ataques à glymera, suspenderam as aulas para os futuros soldados. Agora, entretanto, a Irmandade estava de volta ao trabalho com a seguinte geração... só que agora não eram todos eles aristocratas.

Bela entrou no ginásio através de uma porta traseira, e se ruborizou com o que viu. Zsadist estava mais à frente, fazendo exercícios com um saco de areia, seus poderosos punhos enviavam a coisa para trás até que pendia em um ângulo forçado. Seu torso nu estava impressionante sob as luzes débeis, seus músculos estavam poderosamente esculpidos, os anéis de seus mamilos brilhavam, sua forma de lutar estava perfeita, até mesmo para seus olhos não treinados.

Em um dos lados, havia um novato completamente paralisado, com um blusão de moletom pendurando débilmente em sua pequena mão. Seu rosto mostrava uma combinação de medo e assombro enquanto observava Zsadist exercitando-se, o menino tinha os olhos arregalados, e sua boca formava um pequeno O do seu maxilar que caía solto.

No momento em que os gritos de Nalla ecoaram no amplo espaço, Z se virou de repente.

—Eu sinto por incomodá-lo — disse Bela por cima do uivo—. Mas ela quer o papai dela.

O rosto de Z se fundiu num brilho absoluto de amor, a intensa concentração desaparecendo de seus olhos sendo substituída com o que Bela gostava de chamar de Visão-de-Nalla. Encontrou-as a meio caminho dos colchonetes azuis, depositando um beijo na boca de Bela enquanto pegava a menina em seus braços.

Nalla se acomodou instantaneamente no abraço de seu pai, a menina envolveu os braços ao redor do grosso pescoço e se aconchegou contra seu enorme peito.

Z se virou e olhou para o novato que estava do outro lado do ginásio. Com voz profunda, disse:

—O ônibus chegará logo, filho. É melhor que se apresse.

Quando se virou de novo, Bela sentiu o braço de seu hellren deslizando-se ao redor de sua cintura, e foi atraída para seu lado. Enquanto ele a beijava na boca uma vez mais, murmurou:

—Preciso de um banho. Quer me ajudar?

—OH, sim.

Os três abandonaram o ginásio e retornaram à mansão. No meio do caminho, Nalla adormeceu, por isso quando chegaram ao seu quarto, entraram no quarto de bebês, puseram-na no berço, e desfrutaram de um banho que foi muito quente... e não pela temperatura da água.

Quando acabaram, Nalla estava novamente acordada, bem a tempo para a hora de histórias.

Enquanto Bela secava seus cabelos com uma toalha, Z entrou, pegou a menina, e pai e filha se acomodaram na cama grande. Bela saiu um momento depois, apoiou-se contra o batente e ficou olhando-os fixamente. O par estava aconchegado, tão juntos que pareciam uma só pessoa. Z vestira a parte inferior do pijama que era de tecido escocês Black Watch, e uma camiseta sem mangas. Nalla vestia um macacão rosa claro onde se lia A Menina do Papai em letras brancas.

—OH, Os Lugares Que Você Irá — leu Zsadist do livro que tinha no colo—. Por Dr. Seuss.

Z lia e de vez em quando Nalla tocava as páginas com a palma da mão.

Esta era a nova rotina. No final de cada noite, quando Z retornava para casa depois das patrulhas ou das aulas onde ensinava, era habitual que tomasse um banho enquanto Bela

alimentava Nalla, logo ele e sua filha iam para a cama juntos e ele lia para ela até que adormecesse.

E então a levava com cuidado ao quarto de bebês... e retornava para, o que ele chamava, a hora de mahmen-e-papai.

Tanto a leitura como a forma que foi se acostumando a segurar Nalla eram milagres, e Mary dera uma mão em ambos. Z e a fêmea se reuniam uma vez por semana no porão junto à caldeira. Os dois tinham informado a Bela a respeito das sessões e às vezes Z lhe contava um pouco do que falavam, mas a maior parte do que discutiam permanecia no porão... embora Bela soubesse que parte do que compartilhavam era horrível: Ela sabia porque, posteriormente Mary entraria freqüentemente em seu quarto com o Rhage e não saía em um longo, longo momento. Mas estava funcionando. Z estava tranquilo de um modo diferente, de uma nova forma.

Notava-se com Nalla. Quando a menina se agarrava seus pulsos não se afastava, mas a deixava lhe dar tapinhas ou beijar suas faixas. Deixava-a engatinhar sobre suas costas arruinadas e também a deixava esfregar seu rosto contra o dele. E tinha acrescentado o nome de sua filha na pele, seus Irmãos o tatuaram amorosamente abaixo do de Bela.

Também se notava porque os pesadelos tinham diminuído. De fato, tinham se passado meses desde a última vez que despertou de repente, saltando na cama suado de medo.

E também se notava em seu sorriso. Que era mais amplo e mais freqüente do que nunca.

De repente, a visão que tinha dele segurando a sua filha se tornou imprecisa, e como se tivesse percebido suas lágrimas, Z voltou os olhos para ela. Continuou lendo mas franziu o cenho com preocupação.

Bela lhe soprou um beijo, e em resposta ele apalpou o colchão ao seu lado.

—Então... ponha-se à caminho! — terminou enquanto Bela se aconchegava perto dele.

Nalla soltou um feliz gorjeio e espalmou a tampa do livro que ele tinha fechado.

—Está tudo bem? — sussurrou no ouvido de Bela.

Ela pôs a mão em sua bochecha e trouxe a boca dele para a dela.

—Sim. Muito bem.

Enquanto se beijavam, Nalla espalmou o livro outra vez.

—Tem certeza que você está bem? — perguntou Z.

—OH, sim.

Nalla agarrou o livro e Z sorriu, tirando dela brandamente.

—Hey, o que está fazendo, pequena? Quer mais? Você é simplesmente muito... você... OH, não... o lábio tremente não... OH, não. —Nalla soltou uma risadinha—. Abusada! Quer mais, e sabe que vai conseguir o que deseja graças ao Lábio. Jesus, tem o seu pai na palma da sua mãozinha, não é verdade?

Nalla gorjeou enquanto seu pai voltava a abrir o livro e a história começava a sair novamente da boca de Z, sua voz ressonante.

—«Felicidades! Hoje é seu dia...»

Bela fechou os olhos, pôs a cabeça no ombro de seu hellren, e escutou a história.

De todos os lugares em que ela esteve, esse era o melhor. Bem aqui. Com eles dois.

E sabia que Zsadist sentia o mesmo. Estava em todas as horas que passava com Nalla e em todos os dias que se estendia através dos lençóis para procurar Bela quando estavam sozinhos. Estava no fato de ter começado a cantar outra vez, e porque tinha começado a armar algazarra

com seus Irmãos, não para treinar, mas para divertir-se. Estava em seu novo sorriso, aquele que ela nunca tinha visto antes e não podia esperar para ver de novo.

Estava na luz de seus olhos e em seu coração.

Era... feliz com sua vida. E cada vez mais feliz.

Como se ele lesse sua mente, Z pegou a mão dela com a sua grande mão e lhe deu um apertão.

Sim, ele sentia exatamente o mesmo. Este também era seu lugar favorito.

Bela escutou a história e se permitiu ir à deriva, igual à sua filha, convencida de que tudo era como deveria ser.

Seu macho tinha retornado para elas... e estava aqui para ficar.

Fim